



CENTRO DE INSTRUÇÃO DE GUERRA NA SELVA



LIVRO DA MÍSTICA



DA GUERRA NA SELVA





CENTRO DE INSTRUÇÃO DE GUERRA NA SELVA “Centro Coronel Jorge Teixeira” Divisão de Doutrina e Pesquisa



“LIVRO DA MÍSTICA” “SÍMBOLOS DA GUERRA NA SELVA”

MÍSTICA DA GUERRA NA SELVA

Facção do Combatente de Selva Ajuricaba
No ano de 2018, o CIGS instituiu o Facção do Combatente de Selva (FCS) Modelo AJURICABA, que é formado por dois militares que vestem tipo de cor e simbologia de grande significado na história da Guerra na Selva.

Distintivo do Gorro
O Distintivo atual foi criado durante em 1984, tendo como base o modelo 1978, que tinha o formato de chefe, passando a conter duas faixas horizontais, vermelha e azul, e substituindo-se a inscrição "OPERAÇÕES NA SELVA" por cores de folhas de castanheira (BI No 097, de 25 maio 1994, do CIGS).

Distintivo atual do CIGS
O Distintivo atual foi criado em 1994, tendo como base o modelo 1978, que sofreu alterações no formato, passando a conter duas faixas horizontais, vermelha e azul, e substituindo-se a inscrição "OPERAÇÕES NA SELVA" por cores de folhas de castanheira (BI No 097, de 25 maio 1994, do CIGS).

CHAPÉU BANDEIRANTE
A Divisão de Doutrina e Pesquisa em seu projeto F-1 "Chapéu de Selva Bandeirante", testado durante o ano de 1981 em emprego na selva, tinha como objetivo atender à necessidade do combatente de selva no que se refere à cobertura da cabeça, dotando-o de um chapéu que lhe proporcionasse conforto, ventilação e proteção contra espinhos.

Facção do Guerreiro de Selva, FGS - M2014 ONÇA DOURADA
Em 2004 foi desenvolvido o Projeto Facção do Guerreiro de Selva, que teve como prioridade a inspiração histórica no âmbito da dupla cores do facção modelo CIGS existente na década de 1980, com a mistura dos tons de onça, com o brasão do especialista em operações na selva, e um a lâmina e as adições de alta qualidade.

Distintivo de Estágios
Em 2004 foi desenvolvido o Projeto Facção do Guerreiro de Selva, que teve como prioridade a inspiração histórica no âmbito da dupla cores do facção modelo CIGS existente na década de 1980, com a mistura dos tons de onça, com o brasão do especialista em operações na selva, e um a lâmina e as adições de alta qualidade.

Distintivo do Curso de Planejamento de Operações na Selva
Em 2004 foi desenvolvido o Projeto Facção do Guerreiro de Selva, que teve como prioridade a inspiração histórica no âmbito da dupla cores do facção modelo CIGS existente na década de 1980, com a mistura dos tons de onça, com o brasão do especialista em operações na selva, e um a lâmina e as adições de alta qualidade.

Facção do Guerreiro de Selva, FGS - M2012 ONÇA NEGRA
No ano de 2012, o CIGS desenvolveu o Projeto Facção "ONÇA NEGRA" (FGS M2012 ONÇA NEGRA), inovador por ser uma peça única, em aço temperado, com a cruzeta tendo o brasão em bico também único, segurado por uma cabeça de onça, toda na cor negra.

ONÇA PINTADA

ONÇA NEGRA

LEI DO GUERREIRO DE SELVA

LEIS DA GUERRA NA SELVA

CANÇÃO DO CIGS

CANÇÃO DO SOLDADO DE MILÍCIA

Coronel Jorge Teixeira de Oliveira

4ª Edição

Manaus

2023

APROVAÇÃO

O Comandante do Centro de Instrução de Guerra na Selva, no uso das atribuições que lhe confere o Regulamento do CIGS (EB10-R-45.001), aprova no Boletim Interno Nr 192, de 18 de outubro de 2023, a quarta edição do “LIVRO DA MÍSTICA - SÍMBOLOS DA GUERRA NA SELVA”, com a seguinte epígrafe:

LIVRO DA MÍSTICA - SÍMBOLOS DA GUERRA NA SELVA - Aprovação.

- a. Aprovo a quarta edição do Livro da Mística - Símbolos da Guerra na Selva, elaborado pela Divisão de Doutrina e Pesquisa do CIGS.
- b. Determino que este compêndio entre em vigor na data de sua publicação.
- c. Revogo todas e quaisquer edições e publicações anteriores que tratem do assunto em tela.


GLAUCO CORBARI CORRÊA - Coronel
Comandante do Centro de Instrução de Guerra na Selva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	INTRODUÇÃO	7
	- Finalidade e Objetivos	7
CAPÍTULO 2	SÍMBOLOS DA ORGANIZAÇÃO MILITAR CIGS	
ARTIGO I	- Denominação Histórica do CIGS.....	8
ARTIGO II	- O CIGS.....	8
ARTIGO III	- Estandarte Histórico do CIGS.....	10
ARTIGO IV	- Distintivos do CIGS.....	13
ARTIGO V	- O Comandante Pioneiro.....	19
ARTIGO VI	- O Primeiro Quartel.....	22
ARTIGO VII	- A Clareira do Avião.....	24
ARTIGO VIII	- O Chapéu Bandeirante, a boina verde e o tecido camuflado.....	31
ARTIGO IX	- O “Quadrado Maldito”	36
ARTIGO X	- A Castanheira da Equipe de Instrução.....	44
ARTIGO XI	- A Chama da Mística	46
CAPÍTULO 3	SÍMBOLOS DOS GUERREIROS DE SELVA	
ARTIGO I	- O Guerreiro de Selva.....	48
ARTIGO II	- Distintivos dos Cursos e Estágios do CIGS	49
ARTIGO III	- A Onça (<i>panthera onca</i>) – Animal Símbolo da Guerra na Selva..	54
ARTIGO IV	- A Castanheira – Árvore Símbolo da Guerra na Selva.....	62
ARTIGO V	- A Canção do CIGS.....	63
ARTIGO VI	- A Oração do Guerreiro de Selva.....	64
ARTIGO VII	- As Leis da Guerra na Selva.....	67
ARTIGO VIII	- O Facão do Guerreiro de Selva.....	67
ARTIGO IX	- O Tapiri da Mística.....	73
ARTIGO X	- O Tapiri Ocara Munduruku.....	74
ARTIGO XI	- Flâmulas dos COS e do CIOS.....	75
ARTIGO XII	- A Ladeira da Galinha.....	76
ARTIGO XIII	- Poema “Que Não Ousem”	78
ARTIGO XIV	- Poema “Nós Somos a Amazônia”	79
ARTIGO XV	- Símbolos Internacionais.....	80
ARTIGO XVI	- Lemas e citações selváticas.....	84
	- Referências.....	90

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Estandarte Histórico do CIGS.....	10
FIGURA 2 – Estandarte proposto.....	11
FIGURA 3 – Primeiro Estandarte (projeto pronto).....	12
FIGURA 4 – Primeiro Estandarte.....	12
FIGURA 5 – Distintivo atual do CIGS.....	13
FIGURA 6 – Primeiro distintivo do CIGS.....	14
FIGURA 7 – Segundo distintivo do CIGS (COSAC).....	14
FIGURA 8 – Terceiro distintivo do CIGS.....	15
FIGURA 9 – Proposta do primeiro distintivo do CIGS.....	16
FIGURA 10 – Modelo do distintivo aprovado pelo “TEIXEIRÃO”.....	16
FIGURA 11 – Primeiro distintivo do CIGS confeccionado.....	17
FIGURA 12 – Distintivo metálico usado na boina.....	17
FIGURA 13 – Distintivo “Operações na Selva” usado na boina.....	17
FIGURA 14 – Distintivo atual do COS.....	18
FIGURA 15 – Coronel Jorge Teixeira de Oliveira.....	19
FIGURA 16 – Localização da Ilha de São Vicente.....	22
FIGURA 17 – Vista frontal do primeiro quartel na Ilha de São Vicente.....	23
FIGURA 18 – Quartel em São Jorge - vista frontal em 2004.....	23
FIGURA 19 – Vista frontal em 2006.....	23
FIGURA 20 – Vista frontal em 2017.....	24
FIGURA 21 – Vista frontal em 2023.....	24
FIGURA 22 – Localização da Clareira do Avião.....	24
FIGURA 23 – Parte de asa do <i>Constellation</i>	25
FIGURA 24 – Clareira do Avião em 2023.....	30
FIGURA 25 – O Chapéu Bandeirante.....	32
FIGURA 26 – Primeiro projeto do Chapéu de Selva Bandeirante.....	33
FIGURA 27 – Dona Nalda, a eterna “Garotinha”.....	34
FIGURA 28 – Primeira boina.....	35
FIGURA 29 – Comitiva utilizando a boina verde.....	35
FIGURA 30 – O Quadrado Maldito.....	37
FIGURA 31 – Pedra Fundamental.....	38
FIGURA 32 – Placa do Jubileu de Prata.....	38
FIGURA 33 – O Caboclinho.....	39
FIGURA 34 – BI-1 (Base de Instrução MARECHAL RONDON).....	40
FIGURA 35 – BI-2 (Base de Instrução PLÁCIDO DE CASTRO).....	40
FIGURA 36 – BI-3 (Base de Instrução LOBO D’ALMADA).....	41
FIGURA 37 – BI-4 (Base de Instrução PEDRO TEIXEIRA).....	42
FIGURA 38 – BI-5 (Base de Instrução AJURICABA).....	42
FIGURA 39 – BI-6 (Base de Instrução FELIPE CAMARÃO).....	43
FIGURA 40 – BI-7 (Base de Instrução HENRIQUE DIAS).....	43
FIGURA 41 – BI-8 (Base de Instrução GENERAL THAUMATURGO).....	44
FIGURA 42 – A primeira castanheira (1985).....	45
FIGURA 43 – A castanheira da equipe de instrução (1987).....	45
FIGURA 44 – A chama da mística do saguão das placas da Divisão de Ensino.....	46
FIGURA 45 – Texto motivacional exposto no saguão das placas da Divisão de Ensino.....	47
FIGURA 46 – Brevê do Guerreiro de Selva.....	49
FIGURA 47 – Brevê do Guerreiro de Selva com fundo verde.....	49
FIGURA 48 – Brevê dourado.....	50
FIGURA 49 – Brevê prateado.....	50
FIGURA 50 – Elipse Verde criada em 1977.....	50

FIGURA 51 – Brevê de Instrutores e Monitores do CIGS.....	51
FIGURA 52 e 53 – Distintivos do Curso de Planejamento de Operações na Selva.....	51
FIGURA 54 – Distintivo de Estágios do CIGS (metálico).....	52
FIGURA 55 – Distintivos de Estágios do CIGS (emborrachado).....	52
FIGURA 56 e 57 – Brevê de Instrutores e Monitores do CIGS do chapéu bandeirante.....	53
FIGURA 58 a 63 – Brevê de Instrutores e Monitores do CIGS para a blusa de combate.....	53
FIGURA 64 – Zoológico do CIGS.....	56
FIGURA 65 – Onça COSAC (1969-1996) na preparatória para educação física.....	57
FIGURA 66 – Onça ZEUS e Onça CIGS.....	57
FIGURA 67 – Onça ZEUS com o então Coronel PEDROZO – Cmt CIGS.....	58
FIGURA 68 – Onça ZEUS na formatura matinal.....	58
FIGURA 69 – As cinco onças mansas: TEIXEIRÃO, ZEUS, COSAC, PRINCESA e PRETINHA..	58
FIGURA 70 – Onça XINGU, mascote do CIGS entre os anos de 1985 e 2006.....	59
FIGURA 71 – Onça CATRIMANI, mascote do CIGS entre os anos de 1992 e 2003.....	59
FIGURA 72 – Onça CHITARA, mascote do CIGS entre os anos de 1996 e 2016.....	59
FIGURA 73 – Onça SIMBÁ, mascote do CIGS entre os anos de 1996 e 2016.....	59
FIGURA 74 – Onça GAROTO, mascote do CIGS entre os anos de 1998 e 2004.....	60
FIGURA 75 – Onça CABRAL, mascote do CIGS entre os anos de 2002 e 2004.....	60
FIGURA 76 – Onça TIENE, mascote do CIGS entre os anos de 2005 e 2006.....	60
FIGURA 77 – Onça SIMBA, mascote do CIGS entre os anos de 2005 e 2021.....	60
FIGURA 78 – Onça JIQUITAIA, oriunda da 12ª RM.....	61
FIGURA 79 – Onça THAUMATURGO, mascote do CIGS, desde 2021.....	61
FIGURA 80 – A Castanheira.....	62
FIGURA 81 – Facão do Guerreiro de Selva (FGS M 2004) ONÇA DOURADA.....	69
FIGURA 82 – Facão do Guerreiro de Selva (FGS M 2006) ONÇA DOURADA.....	69
FIGURA 83 – Facão do Guerreiro de Selva (FGS M 2010) ONÇA DOURADA.....	69
FIGURA 84 – Facão do Guerreiro de Selva (FGS M 2012) ONÇA NEGRA.....	70
FIGURA 85 – Facão do Combatente de Selva (FCS) ONÇA NEGRA.....	70
FIGURA 86 – Facão do Combatente de Selva (FCS) ONÇA DOURADA.....	70
FIGURA 87 – Facão do Guerreiro de Selva (FGS M 2014) ONÇA DOURADA.....	71
FIGURA 88 – Faca CIGS 50 anos	71
FIGURA 89 – Facão do Combatente de Selva (FCS) AJURICABA.....	71
FIGURA 90 – Facão do Guerreiro de Selva (FGS) ONÇA NEGRA.....	72
FIGURA 91 – Facão do Combatente de Selva (FCS) AJURICABA (modelo atual).....	72
FIGURA 92 – Flâmula do COS Catg “A”.....	76
FIGURA 93 – Flâmula do COS Catg “B”.....	76
FIGURA 94 – Flâmula do COS Catg “C”.....	76
FIGURA 95 – Flâmula do CIOS.....	76
FIGURA 96 – Vista N-S do “Soca da Galinha” em 2023.....	77
FIGURA 97 – Vista S-N do “Soca da Galinha” em 2023.....	77
FIGURA 98 – Distintivo “ <i>Jungle Expert</i> ” – EUA.....	80
FIGURA 99 – Distintivo “ <i>Curso de Comandos de Selva</i> ” – Colômbia.....	81
FIGURA 100 – Distintivo “ <i>Curso de Lancero Internacional</i> ” – Colômbia.....	81
FIGURA 101 – Distintivo do “ <i>Curso de Tigre</i> ” – Equador.....	81
FIGURA 102 – Distintivo do “ <i>Curso de IWIA - Internacional</i> ” – Equador.....	82
FIGURA 103 – Distintivo do “ <i>Curso Chef de Section Jungle</i> ” – Guiana Francesa.....	82
FIGURA 104 – Distintivo “ <i>Curso Regular de Operaciones en Selva</i> ” – Peru.....	82
FIGURA 105 – Distintivo “ <i>Curso de Francoatiradores</i> ” – Peru.....	83
FIGURA 106 – Distintivo do “ <i>Curso de Operaciones Ribereñas</i> ” – México.....	83
FIGURA 107 – Distintivo do Curso “ <i>Jungle Amphibious Training School</i> ” – Guiana.....	83

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1 FINALIDADE

- Apresentar um compêndio reunindo os símbolos do CIGS e da Guerra na Selva, de modo a valorizar e difundir a mística do guerreiro de selva.

1.2 OBJETIVOS

a. Constituir banco de dados, baseado em fontes primárias, que sirva de base para estudos e pesquisas, a partir da compilação de informações disponibilizadas mediante pesquisa histórica.

b. Caracterizar os símbolos da guerra na selva próprios da OM “CIGS”, enfatizando os aspectos tradicionais.

c. Caracterizar os símbolos gerais da guerra na selva, cultuados por todos os especialistas em operações na selva formados pelo CIGS.

d. Apresentar símbolos da Guerra na Selva de Nações Amigas.

e. Apresentar relatos históricos que contribuem para o desenvolvimento da mística da Guerra na Selva.

f. Difundir a mística do guerreiro de selva.



CAPÍTULO 2

SÍMBOLOS DA ORGANIZAÇÃO MILITAR “CIGS”

ARTIGO I

DENOMINAÇÃO HISTÓRICA DO CIGS

2.1.1 HOMENAGEM AO COMANDANTE PIONEIRO

- Em homenagem ao Comandante Pioneiro e fundador – Coronel Jorge Teixeira de Oliveira –, o CIGS tem a denominação histórica “CENTRO CORONEL JORGE TEIXEIRA”, desde o ano de 1999.

2.1.2 PORTARIA DE CONCESSÃO

- A Portaria N° 693, de 17 de dezembro de 1999, concede a denominação histórica ao Centro de Instrução de Guerra na Selva, aprovando o que se segue:

O COMANDANTE DO EXÉRCITO, no uso da competência que lhe é conferida pelo art. 29 da Estrutura Regimental do Ministério da Defesa, aprovada pelo Decreto n° 3.080, de 10 de junho de 1999, tendo em vista o que prescreve o art. 11 das IG 11-01, aprovadas pela Portaria n° 580 do Comandante do Exército, de 25 de outubro de 1999, e de acordo com o que propõe a Secretaria Geral do Exército, ouvido o Centro de Documentação do Exército, resolve:

Art. 1° Conceder ao Centro de Instrução de Guerra na Selva, com sede na cidade de Manaus-AM, a denominação histórica “CENTRO CORONEL JORGE TEIXEIRA”.

Art. 2° Estabelecer que esta Portaria entre em vigor na data de sua publicação. (Publicado no Boletim do Exército N° 53, de 31 de dezembro de 1999, página 10)

ARTIGO II

2.2.1 RELATOS HISTÓRICOS

O CIGS

Cel R/1 Novaes

Boletim Interno do CIGS, 2023

Vai longe o tempo, quando em outubro de 1966, iniciamos nossa missão acantonados no QG/GEF, ilha de São Vicente; Vieira dizia; “Para falar ao vento bastam as palavras, para falar ao coração são necessárias obras”.

Obras como esta, decorrente da ação de todos que nela trabalharam e daqueles que deram continuidade a este desafio; cumpriram com destaque a sua finalidade primordial que era a de treinar o Soldado Brasileiro na defesa e proteção da pátria, muito mais especialmente, o Soldado da Amazônia; no que diz respeito à Guerra na Selva para defesa da própria Amazônia. Trabalhar na Amazônia é um desafio para todos.

Valores importantes para os militares deste Centro:

a) ESTANDARTE HISTÓRICO: Símbolo conduzido pela tropa com indisfarçável orgulho.

b) BOINA VERDE e COTURNO DE SELVA: O verde da floresta tornou-se peça de fardamento por proposta do então Tenente Francisco Jander de Oliveira. O uso da boina verde e coturno de selva, caracterizam especialmente o militar do CIGS.

c) SELVA: Saudação espontânea e vibrante, alastrou-se, expandiu o seu significado, ecoou por toda a Amazônia, contagiando a todos com o mesmo ideal.

Em 1964, foram mandados Oficiais e Sargentos à ZONA DO CANAL DO PANAMÁ, para especialização em OPERAÇÕES NA SELVA; convém ressaltar a atuação de Oficiais e Praças que deram início a árdua tarefa de organizar o CIGS, apesar de todas as dificuldades, levando o bom termo esse desiderato: Maj OMAR, Cap LEAL SANTOS, Cap HENRIQUE, Cap NOVAES, Cap FREGAPANI, Ten GUEDES, Ten CANZI, Sgt GERALDO, Sgt LIBERATO, Sgt SOBREIRA. O Cb MURNO, o Cb BENTES, o Cb VITOR, o Cb LOPES e todos os Soldados incorporados realizaram o curso no CIGS, além de todos esses pioneiros é importante destacar a participação decisiva do General MOACIR BARCELOS POTIGUARA, então Comandante do GEF, que cedeu o QG/GEF para instalação provisória do CIGS, que com tal gesto, criou as condições reais para o seu funcionamento. É de suma importância salientar o apoio de todos os Generais comandantes do CMA para o crescimento do CIGS.

Há três coisas na vida que ao passarem, não voltam mais; o tempo, as palavras e as oportunidades.

Finalizo citando as palavras do Cel TEIXEIRA: “Sem obstáculos não haveria, nem esforços, nem luta e a vida seria insípida”. Obrigado!

PARABENIZO O NOVO COMANDANTE - CEL CORBARI.

Este é o começo de uma nova etapa, que agora se renova; mais um ciclo de realizações de sucesso em sua carreira e vida militar.

O começo desta nova missão é apenas mais um desafio na sua jornada. O início desta atividade traz a oportunidade de mais responsabilidades, mais experiência, temos a certeza que suas habilidades e conhecimentos adquiridos irão ajudar muito ao CIGS.

Em 1964, foram mandados Oficiais e Sargentos à ZONA DO CANAL DO PANAMÁ, para especialização em OPERAÇÕES NA SELVA; convém ressaltar a atuação de Oficiais e Praças que deram início a árdua tarefa de organizar o CIGS, apesar de todas as dificuldades, levando o bom termo esse desiderato: Maj OMAR, Cap LEAL SANTOS, Cap HENRIQUE, Cap NOVAES, Cap FREGAPANI, Ten GUEDES, Ten CANZI, Sgt GERALDO, Sgt LIBERATO, Sgt SOBREIRA. Os Cb MURNO, Cb BENTES, Cb VITOR, Cb LOPES, e todos os Soldados incorporados realizaram o curso no CIGS, além de todos esses pioneiros é importante destacar a participação decisiva do General MOACIR BARCELOS POTIGUARA, então Comandante do GEF, que cedeu o QG/ GEF, para instalação provisória do CIGS, que com tal gesto, criou as condições reais para o seu funcionamento. É de suma importância salientar o apoio de todos os Generais comandantes do CMA para o crescimento do CIGS. Obrigado!

ARTIGO III

ESTANDARTE HISTÓRICO DO CIGS

2.3.1 DESCRIÇÃO HERÁLDICA

O estandarte histórico destina-se a galardoar as OM homenageadas com denominação histórica e os estabelecimentos de ensino do Exército, a grande unidade-escola e as unidades-escola.

A haste, a lança, o conto e o talabarte do estandarte histórico são idênticos aos do Estandarte do Exército. O laço militar é igual ao da Bandeira Nacional.

O Primeiro Estandarte Histórico do CIGS foi oficialmente aprovado no ano de 1988, por meio da Portaria Ministerial nº 792, de 17 de agosto de 1988.

No ano de 2000, o Estandarte foi modificado, com a inclusão da denominação histórica.

O Estandarte Histórico do CIGS tem a seguinte descrição heráldica: “Forma retangular tipo bandeira universal, franjado de ouro, campo de azul-celeste. Em abismo, um escudo peninsular português, filetado de prata, chefe de vermelho, carregado com uma estrela gironada, de prata, símbolo de Escola. Abaixo do chefe, uma bordadura de amarelo, carregada com uma coroa de folhas de castanheira, de verde, abraçando um escudete, também de verde e filetado de prata, tendo em brocante e em abismo, uma cabeça de onça-pintada, de ouro, voltada para destra, com pintas pretas e língua vermelha, caracterizando a imensa selva amazônica e o indômito sentimento de brasilidade em sempre guardá-la e defendê-la. Envolvendo o conjunto, a denominação histórica “Centro Coronel Jorge Teixeira”, em arco e de ouro. Laço militar nas cores nacionais, tendo inscrito, em caracteres de ouro, a designação militar da OM”. (Portaria Nº 183-Cmt Ex, de 17 de abril de 2000)



Figura 1 – Estandarte Histórico do CIGS.

2.3.2 CONDECORAÇÕES

Conforme o Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército (EB10-VM-12.004), o estandarte histórico do CIGS porta as medalhas com as quais foi condecorado afixadas a sua escarapela do laço militar.

Ao longo de sua história, o estandarte histórico do CIGS recebeu as seguintes condecorações:

- Ordem do Mérito Militar, 15 de agosto de 1973;
- Ordem do Mérito do Amazonas, 28 de fevereiro de 1989;
- Ordem do Rio Branco, 24 de maio de 1991;
- Ordem do Mérito Judiciário Militar, 29 de novembro de 1999;
- Medalha Marechal Cordeiro de Farias, 4 de agosto de 2003; e
- Medalha do Pacificador, 25 de agosto de 2006.

2.3.3 RELATO HISTÓRICO

***Estandarte do CIGS
Gen Bda R/1 Bueno***

Boletim Interno do CIGS, 2006(b)

“Por muito tempo, o Centro tentou, junto aos escalões superiores, obter aprovação de um estandarte histórico. A resposta era sempre a mesma: não podia, pois nunca havia participado de operações de guerra.”

Na administração do Exmo Sr Gen Ex LEÔNIDAS PIRES GONÇALVES, então Ministro do Exército, houve uma flexibilização na legislação e, com o Ofício Nr 015/CMDO, de 28 jun 1988, foi enviada uma proposta ao CMA, solicitando urgência na sua aprovação, tendo em vista que, no dia 2 mar 1989, transcorreria o Jubileu de Prata do CIGS e, esta, seria uma data significativa para se proceder a sua incorporação.

O modelo proposto, inovador, foi o apresentado na Figura Nr 2.



Figura 2 – Estandarte proposto

Era “inovador” demais, na heráldica não havia padrão de camuflagem. Pela mesma heráldica, o CIGS, sendo Estabelecimento de Ensino, teria que ter estandarte na cor azul celeste e uma estrela, símbolo de Escola. Logo, não foi aprovado.

Dessa forma, o Centro teve que se adaptar ao que preconizava a heráldica do Exército e desenvolver um novo projeto do que seria o primeiro exemplar. No entanto, não havia muito tempo para tal.

O projeto enfim foi finalizado e aceito no 2º semestre de 1988, obtendo-se como resultado o que se vê na Figura nº 3.



Figura 3 – Primeiro Estandarte (projeto pronto)



Figura 4 – Primeiro Estandarte

Abaixo, segue-se a transcrição da portaria de criação, publicada no Boletim do Exército nº 35, de 2 de setembro de 1988:

PORTARIA MINISTERIAL Nº 792, DE 17 DE AGOSTO DE 1988.

ESTANDARTE HISTÓRICO DO CENTRO DE INSTRUÇÃO DE GUERRA NA SELVA

O MINISTRO DE ESTADO DO EXÉRCITO, de acordo com as IG 11-01, aprovadas pela Portaria Ministerial nº 409, de 29 de abril de 1987 e acolhendo parecer da Secretaria-Geral do Exército, depois de ouvido o Centro de Documentação do Exército, resolve:

Aprovar o Estandarte Histórico do CENTRO DE INSTRUÇÃO DE GUERRA NA SELVA, constante do modelo anexo, com a seguinte descrição heráldica: “Forma retangular, tipo Bandeira Universal, campo azul-celeste. Em brocante e em abismo um escudo peninsular português filetado de prata, chefe de vermelho, carregado com uma estrela gironada de prata, símbolo de Escola; bordadura de amarelo, carregada com uma coroa de folhas de castanheira de verde, abraçando um escudete também de verde e filetado de prata, tendo em brocante e abismo uma cabeça de onça de ouro voltada para destra. Encimado o conjunto a inscrição “CENTRO DE INSTRUÇÃO DE GUERRA NA SELVA” em arco e de ouro. Laço militar com as cores nacionais, tendo inscrito em caracteres de ouro a designação militar: CENTRO DE INSTRUÇÃO DE GUERRA NA SELVA”.

Mesmo com a aprovação do estandarte, essa “odisseia” ainda não havia se findado, pois em Manaus não havia ninguém habilitado para confeccionar o estandarte. Já estávamos em fevereiro de 1989, a festa do Jubileu seria no dia 2 de março, o tempo corria.

Só havia uma solução: ligar para uma “Velha Onça”, residente no Rio de Janeiro, eterno monitor do CIGS, possuidor de inúmeras habilidades e enorme iniciativa. O Ten QAO R/1 – GS 0470 – **PERÁCIO CORREA** encontrou várias dificuldades na confecção do estandarte, porém cumpriu o prazo e concluiu o projeto, entregando-o no dia da formatura comemorativa das Bodas de Prata do CIGS, em 2 de março de 1989, às 1700h.

ARTIGO IV

DISTINTIVOS DO CIGS

2.4.1 GENERALIDADES

Desde sua criação, o CIGS teve quatro distintivos. O primeiro – o distintivo pioneiro – durou até a transformação em Centro de Operações na Selva e Ações de Comandos (COSAC), em 1970; extinto o COSAC, em 1978, a OM retornou à descrição original, mas alterou o distintivo pioneiro; mais adiante, em 1994, o símbolo foi aperfeiçoado e permanece até os dias atuais.

2.4.2 DISTINTIVO ATUAL (1994)

a. Descrição

- Escudo peninsular português, contendo:

(1) chefe em duas faixas horizontais nas cores heráldicas vermelha e azul, representativas do Exército Brasileiro, carregado com a sigla “CIGS”, da OM;

(2) bordadura em amarelo, carregada com uma coroa de folhas da castanheira em verde, abraçando escudete ao centro; e

(3) escudete ao centro, em verde, representativo da imensidão da selva amazônica e o indômito sentimento de brasilidade, carregado com cabeça de onça pintada voltada para destra, encimada por estrela singela representativa de escola.



Figura 5 - Distintivo Atual do CIGS

b. Generalidades

- O distintivo atual foi configurado em 1994, tendo como base o modelo 1978, que sofreu alterações no chefe, passando a conter duas faixas horizontais, vermelha e azul, e substituindo-se a inscrição “OPERAÇÕES NA SELVA” por coroa de folhas de castanheira (BI Nr 097, de 25 maio 1994, do CIGS).

2.4.3 DISTINTIVOS HISTÓRICOS

a. Distintivo Pioneiro (1966)

1) Descrição geral

- Escudo peninsular português, tendo o chefe vermelho carregado com a sigla “GUERRA”; e bordadura em amarelo, carregada com a inscrição “NA SELVA”, abraçando escudete verde, carregado com cabeça de onça pintada voltada para frente.



Figura 6 - Primeiro distintivo do CIGS

2) Generalidades

- A partir da criação do CIGS, alguns modelos foram propostos pelos instrutores e monitores, inspirados inicialmente pelo símbolo do Curso de Guerra na Selva do Exército dos EUA no Panamá, até chegar-se ao distintivo da OM, que perdurou até a mudança para COSAC.

b. Distintivo do COSAC (1970)

1) Descrição geral

- Escudo peninsular português, tendo o chefe vermelho, carregado com a sigla “COSAC”; e bordadura em amarelo, carregada com a inscrição “OPERAÇÕES NA SELVA”, abraçando escudete verde, carregado com cabeça de onça pintada voltada para destra, encimada pela inscrição “COMANDOS”.



Figura 7 – Segundo distintivo do CIGS (COSAC)

2) Generalidades

- Em 29 de outubro de 1970, Decreto nº 67.458, o CIGS passou a denominar-se COSAC, determinando alteração do distintivo da OM. Foram, então, acrescentadas as inscrições “OPERAÇÕES NA SELVA” e “COMANDOS”, em alusão ao Curso de Ações de Comandos (CAC).

c. Distintivo do CIGS (1978)

1) Descrição geral

- Escudo peninsular português, tendo o chefe vermelho carregado com a sigla “CIGS” e bordadura em amarelo, carregada com a inscrição “OPERAÇÕES NA SELVA”, abraçando escudete verde, carregado com cabeça de onça pintada voltada para destra.



Figura 8 - Terceiro distintivo do CIGS

2) Generalidades

- Em 8 de fevereiro de 1978, a OM voltou a ter a denominação “CIGS”, deixando de conduzir o CAC, que retornou ao Rio de Janeiro, a cargo da Brigada de Infantaria Paraquedista. O distintivo, no entanto, não manteve a configuração da época do Coronel TEIXEIRA. O chefe retornou à inscrição “CIGS”, saiu “COMANDOS”, mas “OPERAÇÕES NA SELVA” do COSAC foi mantida.

2.4.4 RELATOS HISTÓRICOS

Distintivos do CIGS

Gen Bda R/1 Bueno

Boletim Interno do CIGS, 2006(b)

“Instalada a nova Unidade e apresentados seus primeiros integrantes, esses partiram para criar um distintivo que os destacasse dos demais militares da guarnição. As motivações eram muitas: Unidade com missão inédita no Exército; em área considerada por todos os militares como de “castigo”; instrutores e monitores com curso de habilitação no exterior e curso com elevadas exigências físicas e psicológicas, tanto para o corpo discente como para o docente. Estes aspectos reunidos conduziam ao estabelecimento de um forte espírito de corpo. Para eles, se fazia necessário materializar, através de um símbolo ou de um distintivo, todas estas características. Na época, o brasão de braço, era o único legalmente possível”.

Com esta ideia, três monitores se reuniram e passaram a “bolar” um brasão. Esses monitores eram: 3º Sgt Inf ALMIR DE **ALENCAR** SOBREIRA, 3º Sgt Inf LUIZ DE **SOUZA** AGUIAR e 3º Sgt Saúde URBANO **LIBERATO** DE AGUIAR, todos com o CGS feito no PANAMÁ.

Sem modelo para começar e entusiasmados pelo curso recém-conquistado, tomaram como base o distintivo do curso de selva do Exército Americano. Assim, surgiu o seguinte modelo:

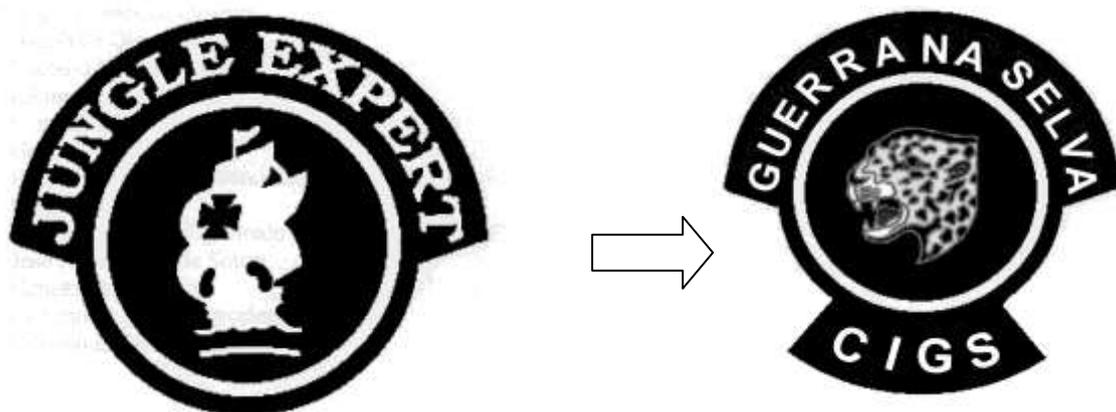


Figura 9 - Proposta do primeiro distintivo do CIGS

Apresentado ao Comandante do Centro, ele sugeriu modificações, impondo que, por tradição e por nossas origens, o distintivo de braço deveria ter o formato de escudo português, a cabeça da onça pintada foi mantida, mas, deveria estar em posição frontal. Surgiu o segundo modelo, que foi aprovado:



Figura 10 - Modelo do distintivo aprovado pelo “TEIXEIRÃO”

Os primeiros exemplares foram elaborados em Manaus. Na época não havia artesãos especializados na confecção de artigos militares e, muito menos, de peças de uniforme. Mas o importante era fazê-lo, e foi feito.

A seguir, mostramos cópia do modelo confeccionado, do acervo particular do Coronel R/1 – GS 015 – FRANCISCO **JANDER** DE OLIVEIRA:



Figura 11 – Primeiro distintivo do CIGS confeccionado

Mais tarde, com a aprovação da boina verde como peça de uniforme e de uso exclusivo do CIGS, eliminou-se o distintivo de braço, criando-se um metálico para uso na boina. Manteve-se o mesmo modelo e foram elaborados na cidade do Rio de Janeiro - RJ.



Figura 12 – Distintivo metálico usado na boina

Posteriormente, em 1978, modificaram-se os dizeres do distintivo, retirando-se o “Guerra na Selva” e introduzindo-se a expressão “Operações na Selva”, ficando da seguinte maneira:



Figura 13 – Distintivo “Operações na Selva” usado na boina

Um fato curioso é quanto à posição da onça, ora estava de frente ora de lado. Conforme foi mostrado, o primeiro modelo utilizado, a onça era apresentada de frente. Este aspecto ficou definido quando da aprovação do Estandarte Histórico que, tendo o escudo do centro em posição central, especificava **“uma cabeça de onça-pintada, de ouro, voltada para destra, com pintas pretas e língua vermelha”**.

O brasão do CIGS é o único distintivo estrangeiro a constar do livro **“Le Troisième Etranger”**, de autoria de **Philippe CART-TANNEUR** e **Tibor SZECSTKO**, edição de 1989, que narra o histórico do 3º Batalhão da Legião Estrangeira da FRANÇA, destacado na GUIANA FRANCESA.

O brasão encontra-se no capítulo intitulado **“Le royaume de la forêt”**, que trata do treinamento de combate na selva dos legionários daquele batalhão, na página de número 135. Os franceses possuem um **“Centre national d’entraînement et de combat en forêt équatoriale, o C.E.F.E.”**. Na página de número 130, 10ª linha, diz que este Centro é **“dirigé par un officier qui a fait lè stage de commando jungle à Manaus au Brésil”**.

O Distintivo Pioneiro usado nas coberturas.

Cel Souza Abreu

Boletim Interno do CIGS, 2006(b)

Apesar de o distintivo pioneiro ter sido substituído como símbolo do CIGS, em 1970, com o advento do COSAC, os militares que realizaram o CGS e o COS permaneceram utilizando-o no gorro e no chapéu, como um diferencial não oficial do especialista.

No ano de 2015, o distintivo pioneiro passou a constar do Regulamento de Uniformes do Exército (RUE) sendo autorizado seu uso pelos possuidores do COS no chapéu bandeirante, gorro de selva e gorro de pala camuflado.



Figura 14 – Distintivo atual do COS

ARTIGO V

O COMANDANTE PIONEIRO

2.5.1 GENERALIDADES

As características pessoais do Coronel Jorge TEIXEIRA de Oliveira, o “TEIXEIRÃO”, notadamente a liderança e a ação empreendedora, foram essenciais para a formação do espírito do guerreiro da selva, constituindo exemplo no passado e inspiração para as gerações que estão por vir.

2.5.2 RELATO HISTÓRICO

*O Comandante Pioneiro
Cel R/1 Jander
T&D, 2005, p.10*

“Dez anos são passados da morte do primeiro Comandante do Centro de Instrução de Guerra na Selva, o Coronel Jorge Teixeira de Oliveira. Poucos lembram. A humanidade é cheia de contradições. Recordemos algumas passagens”.



Figura 15 – Coronel Jorge Teixeira de Oliveira

Criado o CIGS, por força do decreto nº 53.649 de 2 de março de 1964, com o fim de preencher uma lacuna existente no Exército, qual seja, uma unidade de selva, pois 2/3 do território brasileiro é coberto de vegetação tropical e fronteiro a países da América do Sul. Era um contrassenso a existência de unidades convencionais em terreno selvático e sem nenhuma capacidade de atuação.

Então veio o CIGS. Para tanto, era preciso para instalação e funcionamento da nova unidade, oficiais e sargentos, elementos básicos na especialização de futuros militares. O Exército encaminhara ao Panamá vários oficiais e sargentos, visando com isso aparelhar o CIGS de pessoal numa primeira sortida. Antes da criação do CIGS, muitos desses oficiais e sargentos que voltaram do Panamá, permaneceram nas suas organizações militares de origem.

Com o crescente movimento comunista internacional e o desencadeamento da Operação Amazônia que resultou numa série de medidas nos campos econômico e militar, era preciso um comandante para a nova unidade. Eis que, por indicação de alguns companheiros da tropa paraquedista, surgiu o nome do então major Jorge Teixeira de Oliveira do Núcleo da Divisão Aeroterrestre, do Rio de Janeiro. Mas esse major gaúcho, de boa têmpera, uma vez que houvera tido a sua formação básica na saudosa Escola Preparatória de Fortaleza, impôs a condição de se submeter ao Curso de Guerra na Selva, no Panamá, o que foi feito.

E assim chegava a Manaus, no ano de 1965 o major Teixeira. Alguns dos oficiais e sargentos que se diplomaram no Panamá haviam sido nomeados instrutores e monitores para o CIGS, mas permaneceram servindo em várias unidades do Comando Militar da Amazônia/8ª Região Militar e no Grupamento de Elementos de Fronteira (GEF) até a criação da nova unidade.

Como providência imediata do novo comandante e contando para isso com o apoio do comandante do GEF, general de brigada Moacyr Barcellos Potyguara, recebeu os oficiais e sargentos que de fato iam compor a nova organização militar, além de um quartel que custou muita improvisação para adaptá-lo, ou seja, o antigo Quartel-General/GEF, na ilha de São Vicente, atualmente sede do 9º Distrito Naval, de vez que o novo QG/GEF estava sendo ocupado onde hoje se encontra o Colégio Militar de Manaus, antigamente quartel do 27º BC, atual 1º Batalhão de Infantaria de Selva (1º BIS).

Mãos à obra deu-se o início da epopeia. Sem meios materiais no início, mas com muita dedicação, sentimento do dever, espírito de corpo acentuado, liderança, sacrifício, destemor, muita capacidade duradoura e resignação, a equipe de instrutores e monitores correspondeu à altura e com vibração incontida. Cabe destacar aqui aquela equipe: major Omar de Moura Oliveira, subcomandante, disciplinado e destemido; capitães José Luiz Leal Santos, oficial de operações, bravo e vibrante, disposto e alegre; Domingos Carlos Sá Novaes, correto e administrador coerente; Paulo Henrique Pires Luz, veterinário, um infante por adoção; tenentes Guedes e D'Alencar, incansáveis e dedicados e sargentos Dantas, Liberato, Sobreira, Monteiro, Geraldo e Cid, auxiliares a toda prova e para qualquer hora.

Com uma equipe pequena, mas voluntariosa e determinada, além do apoio e imposição do comandante do GEF de se fazer funcionar o primeiro curso, eis que no dia 10 de outubro de 1966, com poucos meses de instalação e adaptação e com pequenas obras no aquartelamento, deu-se início ao primeiro curso de guerra na selva do Exército Brasileiro, composto unicamente de oficiais do CMA/8ª RM e do GEF.

Para corroborar a situação da unidade, esta não incorporara e nem possuía viaturas, valendo-se, pois o major Teixeira e com o aval do comandante do GEF, de soldados da antiga e não instalada 8ª Companhia de Fronteira e alguns caminhões comerciais do então 27º Batalhão de Caçadores para transporte de alunos e materiais. Praticamente o curso foi feito todo a pé, pois o acesso à Base de

Instrução nº 1 não podia ser feito de caminhão, em função dos atoleiros e das chuvas diárias.

No dia 19 de novembro de 1966, no atual estádio do Colégio Militar de Manaus, foi brevetada a primeira turma de “Peritos em Operações na selva”. O CIGS conquistava a sua primeira e grande vitória, graças a excelente equipe chefiada por um dos mais brilhantes oficiais do exército daquela época, no caso o Major Teixeira.

O povo manauense vibrava com a nova unidade. A atração era seu comandante. Vibrante, alegre, comunicativo, amigo, brincalhão, líder, querido por seus comandados e admirado pelos amazonenses. Durante o tempo em que permaneceu à frente do CIGS, empreendeu a construção do atual aquartelamento que se constituiu também numa etapa de dificuldade, além das atuais bases de instrução. Do ponto de vista social não se descuidou e soergueu o Círculo Militar de Manaus, tendo ainda fundado até uma agremiação de carnaval.

Exonerado do comando do CIGS, preferiu permanecer no 2º Grupamento de Engenharia de Construção.

Concluída sua missão no CIGS, coube-lhe outra não menos fácil, isto é, fundar e fazer funcionar um Colégio Militar em Manaus. E o fez com o mesmo espírito altaneiro do combatente de selva. Por injunções outras que lhe escapavam, após entregar o comando do Colégio Militar, preferiu se transferir para reserva do Exército, provocando uma grande tristeza em vários companheiros e nos seus comandados que o viam merecedor de acessos futuros na carreira.

Já na reserva, o povo amazonense acolheu-o para a prefeitura de Manaus, demonstrando nessa nova atividade estranha ao meio castrense, toda sua capacidade administrativa no gerenciamento da coisa pública, proporcionando a remodelação da cidade e a criação de novos bairros e abertura de vias.

Não parando por aí, os rondonienses aplaudiram-no como governador do então território, tendo como destaque maior na sua gestão, a transformação para Estado de Rondônia.

Este foi o homem que conheci e com quem tive o privilégio de servir sob seu comando e compartilhar de sua amizade. Dono de sólida formação militar forjada na austera e saudosa Escola Preparatória de Fortaleza era o coronel Teixeira um verdadeiro símbolo de soldado, chefe e líder, cidadão honrado que dedicou toda a sua vida ao Exército que tanto amou. Antes de falecer, por circunstância do destino, fui um dos únicos dos seus comandados a visitá-lo e meu coração de soldado pulsou forte quando recebi seu abraço e me agradeceu pela colaboração prestada quando lá estive no CIGS como instrutor.

Na data de 28 de janeiro de 1987, quando faleceu, recebi a incumbência de representar o CIGS, por delegação do comandante, no seu funeral, que teve como destaque a guarda fúnebre a cargo do 8º GAC Pqdt, unidade paraquedista de sua arma, artilharia.

Aos mais jovens e aos que servem no CIGS fica a lembrança embora tardia mas que, no intuito de rememorar o passado, não me contive para falar no nome desse grande soldado e cidadão, Coronel Jorge Teixeira de Oliveira, o **“Teixeirão”**.

ARTIGO VI

O PRIMEIRO QUARTEL

2.6.1 RELATO HISTÓRICO

*O Primeiro Quartel (extrato)
Gen Bda R/1 Bueno
Boletim Interno do CIGS, 2006(c)*

Segundo documentos existentes no Centro de Documentação do Exército (C Doc EX), no dia 19 de setembro de 1966, o CIGS estava instalado provisoriamente no Quartel-General do Grupamento de Elementos de Fronteira (QG GEF), em dependências cedidas pelo General de Brigada MOACYR BARCELLOS **POTIGUARA**, Comandante do GEF.

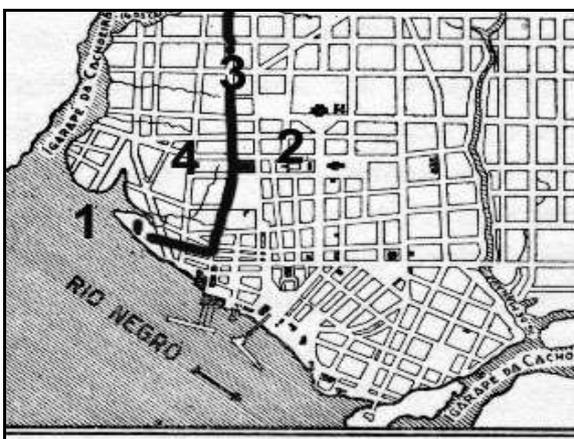
No dia 05 de outubro de 1966, foram inauguradas as instalações do Centro, no antigo QG GEF, localizadas na Ilha de São Vicente. Na verdade, o local onde se situava o quartel, não era bem uma ilha. Talvez tivesse sido no passado ou, no inverno, com a subida das águas, elas inundavam a parte baixa que dava acesso ao quartel, impedindo o acesso e isolando-o da “terra firme”. O Portão das Armas ficava exatamente neste baixio. O quartel ficava na parte alta. Talvez esta seja a razão de alguns chamarem-na de “Península de São Vicente”.

Neste mesmo local, se situava o Pelotão Especial de Transporte, na margem norte da Ilha. Ali havia um cais, garagens e as instalações administrativas do pelotão.

Para o CIGS era uma vantagem contar com este pelotão junto dele, pois os deslocamentos para o Lago do Puraquequara eram feitos em suas embarcações.

Para se alcançar o CIGS, retornando da selva, vinha-se pela Avenida Constantino Nery (à época, mão dupla), passava-se ao lado do QG GEF (atual CMM) e, antes de se chegar na Sete de Setembro, dobrava-se à esquerda e cruzava-se a Zona do Baixo Meretrício (ZBM). A passagem das viaturas com os alunos, todos enlameados e cheirando “onça”, era uma verdadeira festa para o mulhério que, das portas e janelas, lançavam significativos olhares e convites. Algumas, mais atrevidas, gritavam “Selva!”.

LOCALIZAÇÃO DA ILHA DE SÃO VICENTE



LEGENDA:

- 1 – Ilha de São Vicente.
- 2 – QG GEF (CMM).
- 3 – Itinerário para se chegar ao CIGS, vindo da selva.
- 4 – Zona do Baixo Meretrício (ZBM).

Figura 16: Localização da Ilha de São Vicente

O Quartel da Ilha de São Vicente foi o primeiro do CIGS. O seu endereço oficial era: **Centro de Instrução de Guerra na Selva, Ilha de São Vicente, S/N, MANAUS – AMAZONAS.**



Figura 17 – Vista frontal do primeiro quartel na Ilha de São Vicente

Em setembro de 1967, o CIGS mudou-se para o atual aquartelamento, no Bairro São Jorge, em área, até então, pertencente ao 27º BC.



Figura 18 – Quartel em São Jorge - Vista frontal em 2004

Em 2005, o pavilhão de comando teve o palanque ampliado, a sigla CIGS ganhou destaque em plano superior, o nome do centro e seu nome histórico foram dispostos em frontispício sobre mármore, o busto do “TEIXEIRÃO” foi para o centro do palanque e o mastro de bandeira foi deslocado. Ainda nesse ano, o pátio de formaturas recebeu a denominação “Pátio Pioneiros do CIGS (PPCIGS)”, durante solenidade da semana do guerreiro de selva, em junho.



Figura 19 – Vista frontal em 2006



Figura 20 – Vista frontal em 2017



Figura 21 – Vista frontal em 2023

ARTIGO VII

A CLAREIRA DO AVIÃO

2.7.1 GENERALIDADES

A Clareira do Avião, localizada no centro do Campo de Instrução do CIGS, é uma área de grande valor sentimental para os guerreiros de selva de todos os tempos. Por ter sido aberta para facilitar o resgate das vítimas de acidente aéreo no ano de 1962. Representa o valor, a fibra e a coragem de homens que se arriscaram pela selva primária, com precários meios, vencendo as vicissitudes do meio hostil em busca de um objetivo. A “Marcha do Avião” é até hoje repetida pelos Cursos de Operações na Selva, durante a Operação ONÇA AÉREA.

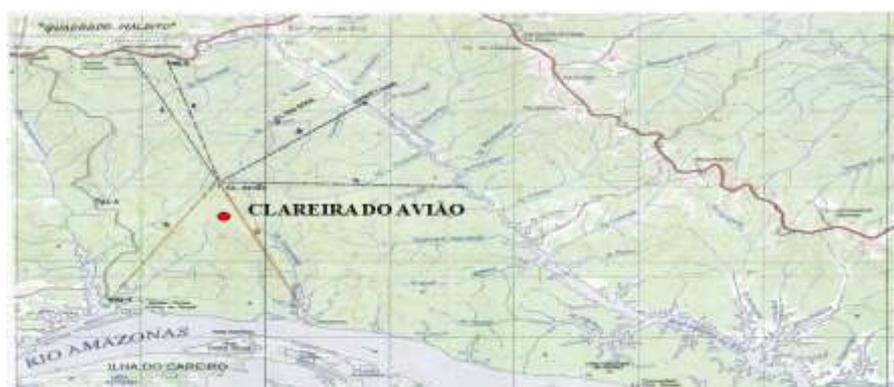


Figura 22 – Localização da Clareira do Avião

2.7.2 RELATOS HISTÓRICOS

A Clareira do Avião
TC Souza Abreu
T&D, 2005, p.12

“São passados 42 anos do acidente aéreo do *Constellation* da Panair do Brasil que vitimou 53 pessoas, em dezembro de 1962, ao cair em uma área de selva primária, em terras – à época – do governo do Estado do Amazonas, em local conhecido, hoje, como Clareira do Avião, na área do Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS).

Esta região foi cedida ao Exército pelo governo estadual ainda na década de 1960. Assim, o CIGS “herdou” a Clareira do Avião, que se localiza bem no coração desse amplo espaço de floresta primária, praticamente intocável quando comparada à situação daquela época. No que depender do CIGS, assim permanecerá eternamente, como palco de excelência do ensino militar e pesquisas do meio científico e acadêmico.

Pela proximidade de datas daquele acidente com a criação do CIGS, em 1964, a clareira do avião está intrinsecamente associada à sua história. Daquele período até os dias de hoje, a clareira tem um significado simbólico para seus integrantes e para todos os quase 4.000 brasileiros e estrangeiros que realizaram os Cursos de Operações na Selva. Não se trata apenas de um local ou referência topográfica.

Com todos os meios tecnológicos existentes, chegar à clareira do avião, hoje, exige pelo menos, boa preparação físico-orgânica e bom conhecimento de orientação na selva, mesmo utilizando os modernos sistemas de orientação por satélite (GPS). Imagine-se o que sofreram aquelas equipes de resgate – da Força Aérea (FAB), do 27º Batalhão de Caçadores (atual 1º Batalhão de Infantaria de Selva), da Petrobrás, da Panair do Brasil, do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem (DNER) e outros que, na nunca perdida esperança de encontrar sobreviventes, enfrentaram todo tipo de adversidades características do interior da selva! Infelizmente só encontram uma cena macabra de cadáveres e destroços da aeronave.

Em 1989, no comando do Coronel Adalberto Bueno da Cruz, uma equipe de militares do CIGS, chefiada pelo Subtenente Airton João Schneider, apoiada pelo 7º/8º Grupo de Aviação da FAB, resgatou um pedaço de asa do *Costellation* de mais de dois metros, encontrado nas proximidades da clareira, e o transformou em memorial, que pode ser visto no quartel-sede do Centro (BI/5 Ajuricaba) na avenida São Jorge, em Manaus.



Figura 23 - Parte de asa do *Constellation* (atualmente, no Espaço Brasileira Amazônia)

Conforme relatam os escritos na imprensa e os relatórios oficiais, o desastre com o *Constellation* deu-se a 40 quilômetros do aeroporto, “a 6 minutos fora”, conforme terminologia aeronáutica, no dia 14 de dezembro de 1962. Em consequência, foram necessários dez dias de marcha, em rotas diferentes, para que a clareira produzida pelo impacto da aeronave com o solo fosse encontrada, em um trabalho conjunto que envolveu equipes de terra com as aviações militar e civil. Do horror das imagens presenciadas – toda tripulação e todos os passageiros faleceram com o brutal impacto na mata com árvores de até 40 metros de altura – ao abandono dos últimos homens do resgate na tarde do dia de Natal daquele ano, ficaram memórias que apenas confirmavam o acerto dos estudos que indicavam a necessidade de elementos e grupos especializados em atender a emergências como esta, sem depender de socorro de outras regiões brasileiras.

Para o CIGS, tornou-se tradição, na primeira semana de junho, a realização da Marcha do Avião. Assim, diversos guerreiros de selva e amigos da unidade, de todas as gerações, fazem uma marcha em direção à clareira, reeditando, simbolicamente, o que teria sido o deslocamento daqueles homens, há 42 anos, em busca de sobreviventes.

Na clareira, os camaradas se confraternizam, os mais velhos contam histórias, os destroços são visitados. Assim, preserva-se a história e presta-se homenagem aos que faleceram naquele triste acidente e aos que empreenderam a missão de resgate. Ao mesmo tempo, rende-se um tributo à grandiosidade da brasileira selva amazônica”.

Constellation da Panair *O Cruzeiro, 1963*

O jornal “O Cruzeiro” de 19 de janeiro de 1963, relatou as buscas por sobreviventes do acidente aéreo *Constellation* da Panair do Brasil, PP-PDE, caído na madrugada do dia 14 de dezembro de 1962, a 40 quilômetros de Manaus.

“Após 10 dias de perigos e de luta contra a natureza, na escuridão da selva amazônica, o repórter Eduardo Ramalho, de “O Cruzeiro” (o único jornalista brasileiro presente à aventura), traz agora o mais dramático relato da busca do *Constellation* da Panair do Brasil, PP-PDE, caído na madrugada do dia 14 de dezembro último, a 40 quilômetros de Manaus – a apenas seis minutos de voo para o aeroporto. A verdadeira epopeia da busca cega, em busca a montanhas, chavascas e igarapés, foi vivida por duas expedições: uma da Petrobrás (em que se encontrava o repórter) e outra comandada pela FAB e da qual faziam parte elementos do Exército, da Panair do Brasil, do governo do Amazonas e do DNER. Aos expedicionários estava reservada uma dura realidade: foram recolhidos pelos helicópteros na tarde do dia de natal, sem encontrarem o que mais buscavam – sobreviventes. O documentário fotográfico à comissão de Inquérito da FAB, aos técnicos da Panair, ao serviço de busca e salvamento e às Rotas Aéreas da FAB, para as conclusões técnicas do acidente.

A jornada de busca e salvamento do *Constellation* da Panair começou praticamente na madrugada do **dia 14 de dezembro**, quando o 3º Sargento da FAB, Paulo Marinho de Oliveira, de serviço na torre do DAC de Manaus, perdeu contato com o rádio operador do avião. A tragédia foi precedida de um breve diálogo, que o sargento Oliveira jamais esquecerá. O rádio operador de bordo expediu sua mensagem de praxe: “A aeronave deverá chegar a Manaus à 1:20 horas, seis minutos distantes da capital”. O Sargento Oliveira emitiu instruções para o pouso,

que deveria ser rotineiro. Depois desse contato à 01:04 da manhã, o rádio do *Constellation* voltou a chamar, 01:19 para corrigir a posição antes fornecida. O rádio operador ainda perguntou se o sargento Oliveira podia ouvir o ronco do avião. Este mandou aguardar e chegou à janela para ouvir a noite. Silêncio total. Quando voltou para informar que algo deveria estar errado, os seus chamados ficaram sem respostas. Em um ponto situado a 02,54 de latitude sul; e 59,45 de longitude oeste, a 40 quilômetros distante de Manaus, o *Constellation* caíra sobre a selva, abrindo uma clareira de 345 metros.

As primeiras providências para localizar o aparelho começaram quase imediatamente. Às 4:30, Belém informava ao Sargento Oliveira que o serviço de Busca e Salvamento já se preparava para entrar em atividade. Era o começo da aventura. Ao clarear a manhã, uma aeronave decola de Manaus, e logo a ele se juntaria uma esquadrilha da FAB, sob o comando do Capitão Rui Bandeira. De Belém eram o capitão Mello Fortes e o Tenente César, do serviço de Busca e Salvamento, que partiram rumo a Manaus, seguindo a rota do *Constellation*. O pessoal da Petrobrás em serviço na Amazônia, nas imediações do ponto em que se supunha ter caído o avião, foi chamado a colaborar. Em poucas horas, aviões de tipo Albatroz, da FAB, e Catalinas, da Panair, procuravam o aparelho desaparecido numa área de 150 quilômetros quadrados, mas, a despeito de todas as providências, o dia 14 terminou sem qualquer descoberta positiva.

Dia 15, sábado: Quando o segundo dia das buscas amanheceu, já eram oito aviões que faziam a ponte de vasculhamento, rodando a floresta, do ar, à procura do *Constellation*. Até as 10:40 horas nada se avia descoberto, mas, de repente a voz do comandante Patrick, de um dos Catalinas da Panair, fez-se ouvir pelo rádio triunfante: descobrira no meio da floresta, em local de difícil acesso, uma pequena clareira que – tudo indicava – o grande aparelho abrisse ao projetar-se na mata.

Dia 16, domingo: Confirmada a descoberta do comandante Patrick, o pessoal do Serviço de Busca e Salvamento da FAB procedeu à “amarração” do local, baseado nas informações prestadas pelo Albatroz enviado também para sobrevoar a clareira. Uma primeira expedição seguira inicialmente, sábado, para tentar alcançar o local da queda, subindo o Rio Preto da Eva, de acordo com instruções do engenheiro José Alberto Ferreira, chefe da base da Petrobrás de Manaus. A essa se juntaria, logo depois, a expedição oficial da FAB, Exército, Governo do Amazonas, Panair e Petrobrás, chefiada pelo Major Guilherme Alberto Dias Call, e enviada de lancha pelo Rio Preto da Eva até a casa do caboclo Chico, de onde partiria para a usina do Pau Rosa: as duas expedições encontraram-se no meio do caminho. Ao mesmo tempo, do Rio Uatumã, partia um terceiro grupo da Petrobrás, a equipe S-2, para dar reforço a esses pioneiros das buscas. Antes que esse grupo alcançasse a expedição oficial, porém, a FAB resolveu desistir de continuar pelo Rio Preto da Eva, preferindo tentar a penetração pelo quilômetro 63 da rodovia Manaus – Itacoatiara, o que facilitaria o apoio por parte dos aviões. O engenheiro José Alberto Ferreira, da Petrobrás, preocupado com a possibilidade de existirem sobreviventes, insistia na rota primitiva (que era, afinal, a mais curta), mandando seus companheiros da equipe EG-12 seguir adiante, por sua conta.

Dia 17, segunda-feira: Já agora divididos os grupos de busca (o repórter seguia a expedição da Petrobrás pela margem direita do Rio Preto da Eva, que era integrada também pelos topógrafos alemães Renan e Linhart), a coluna comandada pelo Capitão Canavarro iniciava a abertura de uma picada em linha reta, com o apoio do rádio montado na estrada, de onde podia ser visto pelos aviões. O Capitão Mello Fortes, que chefiava a operação de terra, por seu lado, percebia a essa altura

que, tão logo alcançasse o ponto em que caíra o avião, os expedicionários só poderiam ser retirados da selva com a ajuda de helicópteros. Foram tomadas todas as providências e, no mesmo dia 17, à tarde, chegavam ao acampamento do DNER, em Manaus, dois helicópteros enviados pelo Grupamento de São Paulo, a bordo de um avião C-130 da Força Aérea dos Estados Unidos que também prestava sua ajuda.

Dia 18, terça-feira: Após quatro dias suportando o calor abafado da mata fechada, começou então a fase mais penosa da caminhada para os expedicionários das duas colunas. As copas das árvores na Amazônia fecham-se no alto de forma tão compacta, que a fumaça produzida por grandes fogueiras para chamar a atenção dos aviadores não consegue ultrapassar o teto da floresta. Forma-se uma verdadeira nuvem, como se estivesse dentro de uma caverna, e, só depois de muito tempo, tênues colunas de fumo conseguem filtrar-se por entre os desvãos da ramagem. A comida começava a escassear e alguns caboclos davam sinais de fadiga e doenças, mas não pensavam em regressar.

Dia 19, quarta-feira: Localizados pelos aviões da FAB que davam cobertura às expedições, os integrantes dos grupos pioneiros tiveram um momento de alegria, quando, após uma série de rasantes, os aviadores da FAB lançaram fardos com mantimentos e remédios. Mas foi só um momento. Por mais que fosse a pontaria dos pilotos, os pacotes não caíam exatamente sobre a expedição, e se perdiam: - é que, na selva, 100 metros de distância equivalem a quilômetros, em condições normais, e a escuridão é tal que a 20 metros à frente nada mais se enxerga. O recurso foi, então, continuar com o “menu” habitual de carne de macaco, papagaio, jacu e cotia. Do lado da FAB o desmatamento continuava, mas em condições tais que, após 18 quilômetros o Coronel Vercílio, do QG da 1ª Zona Aérea de Belém, escolhido para presidir ao inquérito, foi obrigado a voltar adoentado. E não foi o único. Do alto, os pilotos mandavam, pelo rádio, mensagens encorajadoras retransmitidas das Bases da Petrobrás e do DNER: “Agora está perto. Continuem. É logo ali”. O “logo ali”, no meio da selva, entretanto, não era fácil de atingir. E só por isso ninguém ria de episódios como o acontecido com o Coronel Vercílio, que veio ao chão quando o cozinheiro do acampamento, sem notar que o oficial armara sua rede aproveitando uma árvore fina e alta, tocou o machado no seu tronco para ter lenha para o fogo. Ou ainda com a distração do soldado que após andar 20 quilômetros mato adentro, desde a base do quilômetro 63, para trazer um aparelho de rádio a pedido do Tenente Braga, do Exército, deu conta perfeita de sua missão, mas esqueceu a antena!

Dia 20, quinta-feira: A expedição da Petrobrás da qual fazia parte o repórter, já transpusera a usina do Pau Rosa, reforçada pela adesão de Mestre Marcílio, o cearense seu proprietário que muito ajudaria, com seu conhecimento da mata e sua tarimba de desbravador. O ponto em que o avião caíra distava apenas 13 quilômetros da sua usina. Ao cair da noite o observador Agenor Sardinha soube, por um dos pilotos que sobrevoavam a região, que faltavam apenas cinco quilômetros para alcançarem a clareira aberta pela queda do *Constellation*.

Dia 21, sexta-feira: Ao amanhecer o Mestre Agenor Sardinha captou a chamada de um avião Catalina, que deu novas coordenadas. Faltavam apenas dois quilômetros. Graças a essas informações, exatamente às 11:45 horas a expedição da Petrobrás atingiu a clareira aberta pelo aparelho da Panair. Auxiliados pelo engenheiro geofísico Dehan, destacado para auxiliá-los, os integrantes da coluna da FAB viriam atingir o local do desastre às 15:00 horas. A cerca de um quilômetro de distância, já haviam sido encontrados os primeiros destroços do avião: pedaços de

asa, extintores de incêndio e lascas de alumínio. O *Constellation* caíra entre duas elevações, numa região de árvores de 40 metros de altura. O corpo do avião estava ao lado de um igarapé, em pedaços. Os restos dos passageiros e tripulantes do *Constellation* – já em putrefação – exalavam um cheiro quase insuportável. O engenheiro Dehan e o enfermeiro Brasil, da Petrobrás, que foram os primeiros a aproximar-se, recuaram transidos diante um quadro terrível: havia uma mão descarnada presa às ferragens. Na água límpida do igarapé boiava, presa a um ramo, uma cabeleira loira: era, ao que se presume, da aeromoça.

Dia 22, sábado: Vencido o impacto causado pelo cenário macabro – os expedicionários iniciaram os trabalhos de abertura de uma clareira no tope do morro, a fim de permitir a descida do helicóptero. O Engenheiro Dehan, nesta altura, não pode deixar de fazer um comentário: - “Conheço a África. É dura e difícil. Mas esta Amazônia, como diz o Senhor Chico, é mesmo de lascar o cano da espingarda”.

Dia 23, domingo: Aberta a clareira, os tenentes do SAR, Henrique e Waldir, que vieram de São Paulo para pilotar os helicópteros, examinaram o quadrado de 60 metros por 60, no qual só poderiam pousar um de cada vez. O dia passou rápido, com peritos da polícia de Manaus e o Coronel Vercílio, auxiliado por um capitão-engenheiro, efetuando o exame dos vestígios, sob os olhos de outros comandantes da Panair.

Dia 24, segunda-feira: Assim que se soube da descoberta do local em que caíra o *Constellation*, o Exército fechou a estrada de Itacoatiara, onde começavam a chegar parentes de alguns dos passageiros, na esperança de obter informações sobre possíveis sobreviventes. Sem a presença de curiosos, então, começou a parte dolorosa dos trabalhos: a retirada dos despojos de entre as ferragens, o que exigiu, inclusive, o uso de máscaras contra gás, tão ativo era o cheiro dos restos em decomposição. Os despojos foram guardados em sacos de matéria plástica e levados de helicóptero até o heliporto de Jaboti, onde mais tarde foram transportados para o quilômetro 63 – base das operações – e dali para o Aeroclube de Manaus. Dos 53 ocupantes do aparelho só foi possível recolher despojos de 17 pessoas. Os demais ficaram no bojo destruído do aparelho, transformados numa pasta, em meio à lama do igarapé. Entre os restos do avião os expedicionários encontraram o “trailer” do filme “Os Ambiciosos” e um saco de correspondência com vários cartões de Boas-Festas – que nunca chegariam aos destinatários.

Dia 25, terça-feira. Natal: Todos os peritos haviam partido. Nas suas idas e vindas, os dois helicópteros tinham completado 50 horas de voo. Estavam apenas na clareira menos de 20 do total de 60 expedicionários que haviam tomado parte na aventura. Seriam esses que os helicópteros viriam buscar na manhã seguinte, dia de Natal. Os mesmos que, na véspera, haviam realizado em plena floresta, após 10 dias de luta contra a natureza, a mais estranha ceia de Natal: jantar à luz de fogueira em que o cardápio foi jacu ensopado com papagaio, regado com cachaça e limão, servida pelo sargento Peixada.”

***A Clareira do Avião
Gen Bda R/1 Bueno***

Boletim Interno do CIGS, 2006(b)

“Esta clareira e trilha seriam marcantes na história do CIGS. A trilha foi chamada de “PICADA ou TRILHA DO AVIÃO” e a clareira de “CLAREIRA DO AVIÃO”. Nos primeiros anos de existência do Centro ambas seriam muito utilizadas em exercícios de longa duração.

Durante muito tempo caboclos subiam o Igarapé ÁGUA BRANCA (Branquinho), e iam até o local coletar peças de alumínio para derreterem e venderem em MANAUS. Em 1968, um destes foi surpreendido por um ataque dos alunos e, pálido e trêmulo, entre rajadas e gritos: “entregou-se”. Como poderia esperar que naquele “fim de mundo” iria surgir um bando de soldados atirando e gritando, “pegando-o com a boca na botija” coletando alumínio?

Em 1989, dentro das comemorações do Jubileu de Prata do Centro e durante a Primeira MARCHA DA SAUDADE, em torno de uma fogueira, 76 participantes da Marcha prestaram o Juramento e fundaram a “CONFRARIA DAS VELHAS ONÇAS”.



Figura 24 – Clareira do Avião em 2023

A maioria dos integrantes da Equipe de Selva, por superstição, não gostava de pernoitar na clareira. Alguns juravam ter visto um velho de barbas longas, com uma criança no colo, parado no ponto onde desemboca a trilha do PAU ROSA. Pelo sim pelo não, a razão para não se pernoitar na clareira era justificada pela falta de água, pois estando no alto, era seca. Ainda bem!

Homenagem aos 60 anos do resgate da Aeronave Constellation
Seção de Comunicação Social do CIGS
Boletim Interno do CIGS, 2023

Na jornada matutina de 3 de junho de 2022, foi prestada pelo CIGS uma justa homenagem aos bravos brasileiros, civis e militares, que sinérgica e estoicamente, participaram, há 60 anos, das ações implementadas para resgatar as vítimas fatais do acidente ocorrido com a aeronave *Constellation*, da Pan Air do Brasil.

Durante a solenidade, foram lembrados fatos ocorridos em dezembro de 1962, por intermédio da apresentação de um documentário, produzido durante a reedição da marcha original, realizada por militares do CIGS, do 1º Batalhão de Infantaria de Selva (Aeromóvel) [1º BIS (Amv)], de representantes da Petrobras e da

TV Band, que participaram, de forma irmanada, dessa empreitada de reconhecimento histórico.

Foi enaltecido o trabalho resiliente daqueles que, originalmente, se dedicaram ao resgate dos possíveis sobreviventes, mesmo diante das dificuldades impostas pelo ambiente operacional amazônico, especialmente naquele grande espaço anecúmeno, com ausência de meios tecnológicos de navegação e de mapeamento da região, quando tudo era um grande mistério ainda a ser desvendado.

Um parente de uma das vítimas do sinistro em tela, o Sargento Aymoré, da Polícia Militar do Estado do Amazonas, participou dessa atividade e destacou: *"Essa história me marcou muito, porque meu nome foi em homenagem ao meu tio-avô. Então isso me acompanha a vida toda. Fiquei emocionado com o toque de silêncio dado... me deu um nó na garganta. Me emocionei ao ver todo o esforço do Exército para esse resgate, ainda que não houvesse sobrevivente"*.

Na ocasião, também foram entregues aos militares e civis que participaram da reedição da marcha de resgate em tratativa moedas alusivas aos 60 anos do heroico resgate, como parte das homenagens prestadas no contexto da Semana do Guerreiro de Selva.

Finalizando a supracitada atividade, houve um deslocamento aeromóvel até a Clareira do Avião, momento que autoridades e familiares das vítimas puderam prestar suas homenagens "in loco", na cruz de madeira (cruzeiro) erguida em meio à floresta amazônica, no local exato do acidente, inaugurando uma placa para marcar o evento.

ARTIGO VIII

O CHAPÉU BANDEIRANTE, A BOINA VERDE E O TECIDO CAMUFLADO

2.8.1 GENERALIDADES

a. Conforme relatos e registros históricos, o chapéu bandeirante – chapéu de selva, como o CIGS denomina – surgiu da necessidade de conforto, ventilação e proteção contra espinhos, sendo testado no ano de 1981. Com o tempo, tornou-se um símbolo dos militares do CIGS, sendo de seu uso exclusivo. A partir de 2015, com a atualização do Regulamento de Uniformes do Exército (RUE), passou a ser de utilizado também pelos militares possuidores do COS, que servem no Comando Militar da Amazônia (CMA) e no Comando Militar do Norte (CMN). Suas especificações são definidas no RUE.

b. Convém destacar, entretanto, que a primeira cobertura diferenciada do CIGS foi a boina verde, aprovada pelo então Comandante Militar da Amazônia, General de Exército Rodrigo Octávio.



Figura 25 - O Chapéu Bandeirante

2.8.2 DESCRIÇÃO DO CHAPÉU BANDEIRANTE

- A Divisão de Doutrina e Pesquisa em seu projeto F-1 “Chapéu de Selva Bandeirante”, testado durante o ano de 1981 em emprego na selva, tinha como objetivo atender à necessidade do combatente de selva no que se refere à cobertura da cabeça, dotando-o de um chapéu que lhe proporcionasse conforto, ventilação e proteção contra espinhos.

Sua descrição:

1) Constitui a cobertura para o Combatente de selva

2) Componentes:

a) A parte envolvente da cabeça é feita com tecido rajado, em tergal, na proporção de 66% poliéster e 33% algodão, forrado com chapas de raios-x da frente para a retaguarda.

b) As abas são largas, forradas e reforçadas por diversas costuras.

c) As partes laterais recebem duas janelas de arejamento, em forma retangular, devidamente encobertas com material tipo “mosquiteiro de rede de selva”.

d) A aba direita é dobrada e presa à parte lateral do chapéu, por costura logo acima da janela de arejamento.

e) Costurada na aba direita dobrada o emblema de gorro, obedecendo o seguinte:

(1) Emblema do Curso de Operações na Selva para os possuidores do curso.

(2) Emblema da Unidade para os demais.

f) Costurada internamente, uma extremidade em cada lado, desce uma jugular regulável, também feita em tergal rajado nas proporções já citadas.

g) As abas são forradas com um material indeformável que dá a devida forma ao tecido externo.

h) O material indeformável é comprado no comércio pelo nome de “Papel Indeformável”.



Figura 26 - Primeiro projeto do Chapéu de Selva Bandeirante

2.8.3 RELATOS HISTÓRICOS

Dona Nalda

Extrato da Revista Verde Oliva Nr 225, de outubro de 2014 (50 anos do CIGS)

“Algumas histórias são peculiares porque caminham lado a lado com o tempo de vida do CIGS. Um exemplo é o da costureira Lesinalda Pedroso de Souza, 78 anos de idade. D. Nalda, como é carinhosamente chamada, é a responsável pelos uniformes bem alinhados do corpo docente e dos oficiais de comando do Centro de Instrução. Natural de Santarém (PA), chegou a Manaus ainda muito jovem. Casou-se e deu à luz quatorze filhos. Com a prematura morte do marido, a costura passou a ser o ganha pão e a vida prosseguiu com dificuldades.

Em 1980, recebe de seu irmão o convite para trabalhar como costureira no CIGS, pois o Coronel Gelio Fregapani, recém-chegado a Manaus, desejava melhorar os uniformes. Após recusar o convite por cinco vezes, passou a trabalhar no CIGS e, depois de 35 anos de serviços, confessa com gratidão: “há mais de três décadas, sirvo ao Exército Brasileiro e foi graças ao CIGS que consegui criar meus filhos e ter minha casa própria, porque os militares me ajudaram”.

De sua convivência com o CIGS, D. Nalda aproveitou para experimentar um pouco da vida militar, realizando, durante uma semana, o estágio de sobrevivência na selva e participando da Marcha da Saudade. O rosto sorridente só fica sisudo no momento de comentar a opção dos filhos: “dois dos meus filhos serviram, mas nenhum deles quis seguir a carreira militar”.

Hoje, a eterna “Garotinha”, D. Nalda, está com 87 anos e continua ajudando a construir a história deste Centro de Instrução.



Figura 27 – Dona Nalda, a eterna “Garotinha”

***A boina verde
Gen Bda R/1 Bueno
Boletim Interno do CIGS, 2006(b)***

“Na procura de símbolos que destacassem o CIGS das demais OM, a boina verde foi um deles. Em 1967, o 1º Ten Inf GS 015 FRANCISCO **JANDER DE OLIVEIRA**, propõe ao Tenente-Coronel **TEIXEIRA** o uso de uma boina verde. O Comandante reluta em aprovar a ideia pois teria que ser modificado o RUPE, Regulamento de Uniformes para o Pessoal do Exército, coisa muito “complicada”. **JANDER** argumentou que seria apenas para uso interno e na selva.

O “**TEIXEIRÃO**” que não era de desestimular a criatividade do seu pessoal, disse-lhe que podia confeccionar um modelo para ser submetido à sua decisão.

JANDER entra em contato com a PRADA, indústria que confeccionava boinas, inclusive a dos “Pequedês”, explicou a ideia e especificou que tinha de ser “**verde-oliva, da cor das viaturas**”.

Dias mais tarde, **JANDER** entra no gabinete do comandante e põe à sua frente, sobre a mesa, um pequeno pacote. O Comandante abre e surpreendido, encontra uma boina verde. Vibra como era do seu estilo, e aprova apenas para uso interno. São encomendadas em número correspondente ao de instrutores e monitores. Na verdade, a boina era inadequada para as atividades na selva e foi substituída por um chapéu de selva, arremedo do chapéu tipo australiano utilizado pelos Batalhões de Engenharia.

Mas a ideia não morrera. Em 1968, o Comandante do CIGS decide solicitar oficialmente, autorização para o pessoal do Centro a utilizar a boina verde e, em consequência, o uniforme dos integrantes do Centro seria com jaqueta de gabardine VO e coturnos verdes. Nesta época já existia coturnos americanos e autorizado seu uso na instrução. A foto abaixo serviu de modelo e foi anexada ao ofício de encaminhamento da proposta.



Figura 28 – Primeira boina

Apesar de ainda não aprovada, a equipe do CIGS que visitou as escolas similares do Exército Norte-americano no PANAMÁ e EUA, no período Mar/Abr 1969, utilizaram a boina verde com o uniforme de instrução, durante as visitas às OM e atividades de campo.

A boina só seria aprovada mais tarde, ainda em 1969. Por alguns anos, a boina verde foi de uso exclusivo do CIGS. Quando da modificação do RUE, na administração do Ministro LEÔNIDAS, a boina verde foi adotada para todo o Exército e o CMA, dotado de boina rajada.

Na foto abaixo, da esquerda para a direita, um oficial venezuelano, instrutor da Escola das Américas; o 1º Ten BUENO, instrutor do CIGS; um oficial portorriquenho, instrutor da Escola das Américas; o Ten Cel TEIXEIRA, Comandante do CIGS; e o Cap COSTA, instrutor do CIGS.”



Figura 29 – Comitativa utilizando a boina verde

Os últimos anos da boina verde do CIGS

Cel Souza Abreu

Boletim Interno do CIGS, 2006(c)

“Desde os tempos de cadete eu admirava aqueles instrutores e monitores do COSAC, depois CIGS, pela boina verde que utilizavam”. Era um belo diferencial de um grupo de homens que serviam na Amazônia. Tive a honra de usar a boina verde nos anos de 1985 e 1986, na condição de instrutor. No início de 1987, foi substituída pela rajada. O distintivo, que era do CIGS, passou a ser o do Exército.

O tecido camuflado

Cel R/1 Itamar Teixeira Barcelos

“O padrão de camuflagem do uniforme operacional utilizado atualmente pelo Exército Brasileiro foi desenvolvido pela Seção de Doutrina e Pesquisa do COSAC no ano de 1977, pelos então Capitão Luiz Guilherme **Terra Amaral** (GS 653) e Capitão **Jeannot** Jansen da Silva Filho (GS 646). A cor preta na padronagem camuflada foi descartada, pois era facilmente detectada no interior da selva”.

ARTIGO IX

O “QUADRADO MALDITO”

2.9.1 GENERALIDADES

O Campo de Instrução do CIGS é uma área com 1.150 km² de floresta primária totalmente preservada localizada entre os rios Puraquequara, a oeste, e Preto da Eva, a leste, sendo limitada, ao norte, pela Rodovia AM-010 e, ao sul, pelo Rio Amazonas.

Foi cedido ao Exército pelo Governo do Estado do Amazonas ainda na década de 1960 e, no ano de 2017, foi denominado Campo de Instrução General Sampaio Maia (CIGSM). O General de Exército José Sampaio Maia foi o 3º Comandante do Centro de Operações na Selva e Ações de Comandos (COSAC), nos anos de 1974 e 1975. Ao longo de sua carreira ocupou, ainda, as funções de Subchefe de Assuntos Políticos da Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional, Adido do Exército junto à Embaixada do Brasil em Portugal, Subchefe de Operações do Estado-Maior das Forças Armadas, Subchefe do Estado-Maior do Exército, Comandante Militar da Amazônia, Comandante de Operações Terrestres e Ministro do Superior Tribunal Militar. Como Oficial Superior, foi Assistente-Secretário do General Rodrigo Octávio e responsável direto pela mudança do CMA de Belém para Manaus, além de contribuir diretamente na criação de 15 novas OM na Amazônia, incluindo a 12ª RM, além da transformação dos 26º e 27º BC em 2º e 1º BIS, respectivamente, e do 1º PEF em Comando de Fronteira Solimões/8º BIS. Ressalta-se, ainda, que o General Sampaio Maia foi o primeiro Comandante Militar da Amazônia Guerreiro de Selva, de janeiro de 1993 a agosto de 1994, tendo realizado o Curso de Guerra na Selva (CGS) no posto de Major, quando ainda não existia o COS “A”, em 1968.

O “Quadrado Maldito”, como é carinhosamente conhecido, é um complexo de Bases de Instrução (BI), que compõem o CIGSM: BI-5 Ajuricaba (sede) e as de

selva: BI-1 Marechal Rondon; BI-2 Plácido de Castro; BI-3 Lobo D'Almada; BI-4 Pedro Teixeira (fluvial), BI-6 Felipe Camarão, BI-7 Henrique Dias e BI-8 General Thaumaturgo. Excetuando-se a sede, as demais estão situadas em uma grande área constituída de floresta primária intocada.

2.9.2 O CAMPO DE INSTRUÇÃO GENERAL SAMPAIO MAIA



Figura 30 – O Quadrado Maldito

2.9.3 RELATOS HISTÓRICOS

HISTÓRIA DO QUADRADO MALDITO

Cel R/1 Novaes

Boletim Interno do CIGS, 2023

Modéstia à parte, eu participei da escolha daquela área do campo de instrução, porque só tinha um camarada aqui em Manaus à época, que era o Secretário de Produção, o cargo era esse, Secretário de Produção, era o Sr GERMINIANO. Só tinha eu aqui que era Guerra na Selva.

O Teixeira já tinha avisado o General do Grupamento de Elementos de Fronteira (GEF) que viria para cá. Então, o General mandou me chamar e me disse que eu iria participar da escolha da área do CIGS, e eu disse: Sim Senhor! Então, me mandaram procurar esse Sr GERMINIANO e o cara sabia de tudo de cabeça, era um negócio impressionante, aí ele mandou lá a secretária dele trazer um mapa, aí ele disse: Tenente aqui não tem ninguém, essa área é vazia, onde vocês querem ficar, que é aqui no lago do Puraquequara, nesse terreno aqui em cima, o terreno é do governador daqui do Amazonas, por que ele comprou esse terreno, quando foi criada a Zona Franca de Manaus, ele imaginou que ali na margem do lago do Puraquequara seria interessante para a construção de um novo porto.

E foi assim, decidimos juntos, eu e o Sr GERMINIANO, que seria aquela a área do CIGS, que hoje se chama de Quadrado Maldito.

Já a escolha dos locais das bases, nós fizemos em conjunto. O THAUMATURGO já tinha chegado no CIGS, então eu e ele percorremos aquilo tudo para ver onde que poderia colocar as bases.

O BARRACÃO Cel R/1 Novaes

Boletim Interno do CIGS, 2023

O “Barracão”, o primeiro galpão construído na BI-2 para abrigar os instrutores e os monitores durante sua permanência na selva, servia também como depósito de materiais e até sala de reuniões, onde se concediam alguns planejamentos, era um pouco de tudo. No interior do barracão não havia distinção, oficiais e praças como um todo, atando suas redes para o merecido descanso após a árdua jornada de trabalho.

Um fato interessante é que nós construímos o barracão pregando pregos diretamente na madeira, porque faltava muito material em Manaus, então não tínhamos parafusos e porcas suficientes. A madeira utilizada foi a do Louro-Bosta. Infelizmente, não tinha um cheiro muito agradável.

Em setembro de 1989, foi inaugurada uma pedra fundamental em homenagem ao “Barracão” com os seguintes dizeres:

“Neste local, em 1967, foi construída a primeira base de instrução do CIGS. Era um galpão de madeira, caiado de amarelo e coberto com folhas de flandres. Servia de depósito de material e alojamento.

Junto a ratos, mucuras e morcegos, dormiam em redes, os instrutores, monitores e soldados da equipe de selva.

Carinhosamente todos o chamavam de BARRACÃO. Com a construção da BI-1, em 1968, foi derrubado e substituído por outras instalações.

Ao velho BARRACÃO, no ano do JUBILEU DE PRATA DO CIGS, as homenagens dos que não o conheceram, mas têm no coração a mesma chama do dever profissional daqueles que o construíram. SELVA!”



Figura 31: Pedra fundamental



Figura 32: Placa do Jubileu de Prata

Cognominado em toda Rio Preto da Eva como “Beruri”, o Caboclinho, como é conhecido por todos os integrantes do CIGS, é uma pessoa muito querida por todos. É uma figura icônica, principalmente pelo seu jeito de ser. Às vezes soa rude a forma de falar, porém o lado prestativo e o modo descontraído ao se expressar materializam essa pessoa bem quista por todos que têm a oportunidade de conhecê-lo.

Vale destacar o apoio prestado ao CIGS nos Cursos de Operações na Selva (COS), onde figura um habitante local que tem vasto conhecimento da região, principalmente de uma determinada trilha que é crucial para o cumprimento de missões da tropa, inclusive da tão conhecida e temida Operação Onça Aérea, patrulha de maior alcance e duração do COS. Com isso, o Caboclinho sempre interage com os alunos, que por vezes tentam até mesmo realizar escambo de material buscando obter preciosas informações.



Figura 33: O Caboclinho

2.9.4 BASES DE INSTRUÇÃO

a. Base de Instrução Marechal Rondon

A BI-1 está situada na altura do km 65, na Rodovia AM-010, que liga a cidade de MANAUS à cidade de ITACOATIARA. Possui em sua estrutura de alvenaria a capacidade para alojar até o efetivo de uma Companhia de Fuzileiros de Selva. Durante a realização dos Cursos de Operações na Selva, é utilizada como ponto inicial da fase de Operações.

Homenageia o Marechal CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON, desbravador dos sertões do nosso país. Pacificador, travou contatos com indígenas de várias tribos sem fazer uso da força de sua expedição militar, com a missão de levar o sistema de telégrafos até os mais distantes pontos da Amazônia brasileira.



Figura 34 – BI-1 (Base de Instrução MARECHAL RONDON)

b. Base de Instrução Plácido de Castro

Inflitando na direção sul a partir do km 54 da Rodovia AM-010, a BI-2 situa-se no km 4 da Estrada do PURAQUEQUARA. Tem a infraestrutura para proporcionar aos alunos dos cursos e estágios as melhores condições para o aprendizado nas fases de Vida na Selva, de Técnicas Especiais e de Operações.

Homenageia JOSÉ PLÁCIDO DE CASTRO, homem que liderou brasileiros no início do século XX para libertar do jugo boliviano as atuais terras do Estado do ACRE. A cobiça pela borracha gerou esse problema. Por meio de uma eficaz e ágil tática de guerrilha, praticada nas coxilhas do RIO GRANDE DO SUL, durante a Revolução Federalista, adaptada pelo jovem PLÁCIDO DE CASTRO às condições da selva amazônica. As forças bolivianas são combatidas e finalmente derrotadas na cidade de XAPURI.

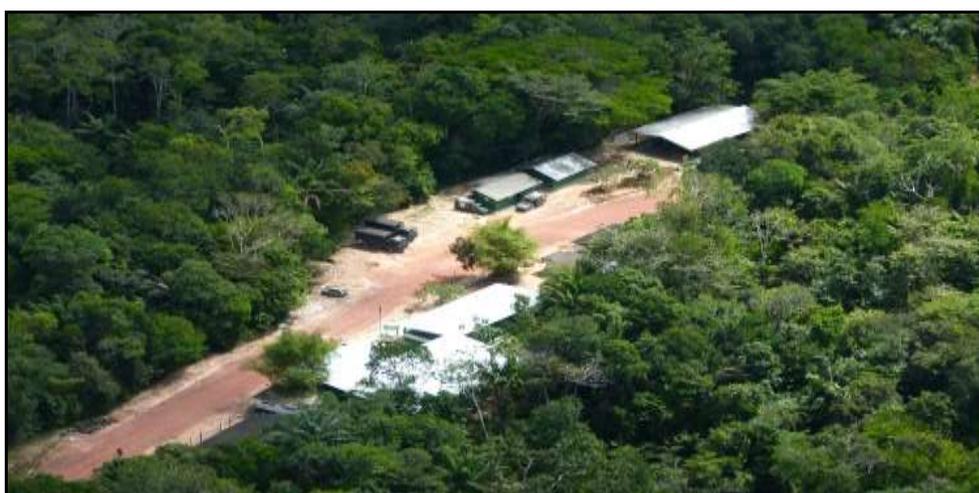


Figura 35 – BI-2 (Base de Instrução PLÁCIDO DE CASTRO)

c. Base de Instrução Lobo D'Almada

A BI-3 localiza-se no km 28 da Estrada do PURAQUEQUARA, que é o seu único acesso. É uma base alternativa da BI-2, também proporcionando condições para o desenvolvimento das fases de Vida na Selva, de Técnicas

Especiais e de Operações dos Cursos de Operações na Selva, bem como para a condução dos Estágios de Adaptação à Selva (EASI).

Homenageia MANUEL DA GAMA LOBO D'ALMADA, engenheiro militar português nomeado governador da capitania do RIO NEGRO no século XVIII, quando o atual Estado do Amazonas vivia uma fase de decadência e estagnação econômica. De grande percepção administrativa, iniciou trabalhos na nascente pecuária regional e buscou melhor aproveitamento das riquezas naturais desta terra. Com visão estratégica, mudou a sede do governo da cidade de BARCELOS para LUGAR DA BARRA, atual cidade de MANAUS, buscando maior proximidade com o rio AMAZONAS. É citado por historiadores como um dos maiores homens públicos dos duzentos anos de história no AMAZONAS.



Figura 36 – BI-3 (Base de Instrução LOBO D'ALMADA)

d. Base de Instrução Pedro Teixeira

Situada às margens do Lago do PURAQUEQUARA, no km 48 da Estrada de mesmo nome, a BI-4 proporciona condições para o desenvolvimento das fases de Técnicas Especiais e de Operações, com instruções, em geral, relacionadas ao emprego de meios fluviais e aeromóveis. Nessa base, desenvolve-se a maior parte dos módulos de tiro do COS. Em 2006, foi ampliada, dando início à concepção de pavilhão em “H” existente em alguns PEF, passando a ser a base mais bem estruturada para o desenvolvimento dos COS e estágios.

Pela proximidade com a comunidade ribeirinha de SÃO FRANCISCO DO MAINÁ (ou MAINÃ), é adequada ao desenvolvimento de projetos sociais e de meio ambiente, além de propiciar pesquisas científicas em cooperação com instituições públicas e privadas.

Homenageia PEDRO TEIXEIRA, militar português que partiu de CAMETÁ, no estado do PARÁ, e protagonizou através dos rios o mais importante processo de expansão territorial da AMAZÔNIA. Ao longo do percurso, lutou e expulsou contingentes estrangeiros que procuravam fixação em pontos estratégicos na calha do “Rio Mar”. Descobriu e efetuou reconhecimentos dando nome aos principais afluentes do rio AMAZONAS. Fincou, às margens do rio NAPO, o estandarte português, sendo que esse ato viria a possibilitar, no futuro, com base no princípio do *uti possidetis*, o reconhecimento da soberania portuguesa sobre vasto território além da linha definida pelo Tratado de Tordesilhas.



Figura 37 – BI-4 (Base de Instrução PEDRO TEIXEIRA)

e. Base de Instrução Ajuricaba

Situada na sede do município de MANAUS, a BI-5 foi inaugurada no segundo semestre de 1967 para, finalmente, abrigar em melhores condições a Equipe de Instrução pioneira do CIGS. Hoje, é utilizada em todas as fases dos cursos, principalmente durante as instruções de fundamentação teórica, lutas, flora, fauna e natação.

Homenageia AJURICABA. Conta a historiografia regional que AJURICABA, chefe da tribo dos Manaós, jamais se curvou à dominação portuguesa. Após várias lutas de resistência, veio a ser capturado e, vendo-se transportado pelo rio para a cidade de BELÉM, a fim de ser julgado, preferiu lançar-se, ainda acorrentado, às águas do rio AMAZONAS, preferindo a morte a ser humilhado e escravizado.



Figura 38 – BI-5 (Base de Instrução AJURICABA)

f. Base de Instrução Felipe Camarão

Situada na margem direita do RIO PRETO DA EVA, a BI-6 foi criada, primordialmente, para atender às necessidades da Seção de Avaliação e Adestramento de Operações na Amazônia (SecAAOA) do Comando Militar da

Amazônia, cabendo ao 1º BIS (Amv) a sua administração, embora situada no CIGSM.

No ano de 2004, as atribuições da SecAAOA passaram para o CIGS, juntamente com a Base, que permanece até os dias atuais.

A BI-6 tem a denominação de FELIPE CAMARÃO por ter sido palco de inúmeras experimentações do combate de resistência do CMA, cuja doutrina se inspira na resistência que o índio Poti ofereceu na Batalha dos Guararapes.



Figura 39 – BI-6 (Base de Instrução FELIPE CAMARÃO)

g. Base de Instrução Henrique Dias

A BI-7 está situada no encontro do Igarapé JATUARANA com o rio AMAZONAS e proporciona condições para o desenvolvimento da fase de Operações, com instruções, em geral, relacionadas ao emprego de meios fluviais e aeromóveis, dentro de um contexto de combate convencional e de operações de cooperação e coordenação com agências (OCCA).

Pela proximidade com a comunidade ribeirinha do JATUARANA, é adequada ao desenvolvimento de projetos sociais e de meio ambiente, como atividades de cooperação civil-militar (CIMIC), além de propiciar pesquisas científicas em colaboração com instituições públicas e privadas.

A BI-7 tem a denominação de HENRIQUE DIAS em homenagem ao filho de escravos africanos que lutou como mestre de campo nas duas Batalhas dos Guararapes. Participou de inúmeros combates, distinguindo-se por sua bravura, sendo ferido duas vezes. Tem seu nome inscrito no Livro de Heróis da Pátria devido sua importância na história do país.



Figura 40 – BI-7 (Base de Instrução HENRIQUE DIAS)

h. Base de Instrução General Thaumaturgo

A BI-8 está situada na altura do km 56, na Rodovia AM-010, que liga a cidade de MANAUS à cidade de ITACOATIARA.

Possui em sua estrutura a capacidade para apoiar os cursos de operações na selva na fase de Operações.

Homenageia o General de Brigada THAUMATURGO SOTERO VAZ, 8º Comandante do CIGS, no biênio 1984-1985. O General THAUMATURGO foi instrutor da Escola das Américas, no *Jungle Operations Training Center* (JOTC), em 1964, e Instrutor do CIGS nos postos de Capitão e Major. Considerado, também, um dos pioneiros das operações especiais do Exército Brasileiro, é o Patrono da 3ª Companhia de Forças Especiais, localizada em MANAUS-AM. Comandou, ainda, o 1º BIS (Amv) e foi Chefe do Estado-Maior do Comando Militar da Amazônia, Secretário de Administração do Município de PRESIDENTE FIGUEIREDO-AM e Assessor Parlamentar do CMA.



Figura 41 – BI-8 (Base de Instrução GENERAL THAUMATURGO)

ARTIGO X

A CASTANHEIRA DA EQUIPE DE INSTRUÇÃO

2.10.1 RELATO HISTÓRICO

A castanheira

Cel Souza Abreu

Boletim Interno do CIGS, 2006(c)

Em sua origem, no ano de 1985, o registro de horas de selva tinha a finalidade única de alertar à Chefia da Divisão de Ensino, de maneira sutil e disciplinada, sobre a grande carga de trabalho na selva destinada a número muito reduzido de tenentes. A iniciativa do então Tenente Gustavo de Souza Abreu, apoiada por outros instrutores da Divisão de Ensino, passou a servir de “termômetro” para a distribuição proporcional da carga de trabalho, constituindo uma maneira de evitar a concentração de esforços de trabalho em área de selva sobre alguns militares, particularmente os mais modernos.

Ainda naquele ano, inspirados pela forma divertida com que as unidades da Força Aérea baseadas em Manaus representavam as horas de voos de suas

tripulações – registrando-as em um quadro com desenhos em vários níveis representativos das aeronaves em excelentes condições de voo (tripulantes com maior número de horas de voo) e em condições precárias com aeronaves no solo (tripulantes com menor número de horas de voo) –, foi criada a primeira **Castanheira** – um quadro com uma grande castanheira desenhada, cujos galhos representavam os vários níveis ascendentes de número de horas de selva, com situações divertidas diante dos perigos na selva, sendo que no topo da árvore o instrutor com mais horas de selva descansava em uma rede, enquanto que no nível inferior um jacaré arrancava o coturno do militar com menor número de horas.

A ideia ganhou força, sendo aprovada pelo então Comandante de CIGS, Coronel Thaumaturgo, que determinou o lançamento das horas de selva em boletim interno e o registro em documento denominado **Caderneta de Horas de Selva**.

Em 1987, a primeira **Castanheira** foi substituída por outra bem maior, por iniciativa do então Tenente Rogel Abib Zattar, sendo confeccionada em madeira. Cada ouriço da Castanheira continha a foto de um militar, estando disposta no Saguão da Divisão de Ensino, em local de destaque.



Figura 42 – A primeira castanheira (1985)



Figura 43 – A castanheira da equipe de instrução (1987)

ARTIGO XI

A CHAMA DA MÍSTICA

2.11.1 RELATO HISTÓRICO

No saguão das placas da Divisão de Ensino existe um candeeiro com uma chama que permanece constantemente acesa.

Esta chama foi acesa com maravalhas feitas pelo Facão símbolo do Comando do CIGS, que pertenceu ao Comandante Pioneiro, o Coronel TEIXEIRA, no dia 2 de agosto de 1989, na Clareira do Avião, e trazida de mão em mão por 76 militares da ativa, da reserva e civis, que em torno da fogueira com ela iniciada prestaram o compromisso que materializou a criação da “CONFRARIA DAS VELHAS ONÇAS”. “Que essa chama, sob a guarda da Divisão de Ensino fique permanentemente acesa, representando o amor que inflama o coração de todos aqueles que aqui serviram.”

“A SELVA NOS UNE!”



Figura 44 – A chama da mística do saguão das placas da Divisão de Ensino

No saguão das placas da Divisão de Ensino, juntamente com a Chama da Mística, encontra-se entalhada em madeira de lei um texto de autoria desconhecida, que motiva diariamente a equipe de Instrução do CIGS.



Figura 45 – Texto motivacional exposto no saguão das placas da Divisão de Ensino

CAPÍTULO 3

SÍMBOLOS DOS GUERREIROS DE SELVA

ARTIGO I

O GUERREIRO DE SELVA

3.1.1 RELATO HISTÓRICO

*O Guerreiro de Selva
Cel Souza Abreu*

Boletim Interno do CIGS, 2006(b)

Ao se referir ao **guerreiro de selva** – em sentido amplo – empresta-se um significado especial. Trata-se do homem que de uma maneira ou de outra empreende uma luta pela Amazônia Brasileira. Nesse sentido, o cidadão não militar pode ser um guerreiro de selva, desde que sua história de vida se caracterize pela defesa, em qualquer sentido, dos interesses nacionais sobre a Região Norte do Brasil em termos de soberania. Assim, na guerra, o combatente da resistência, integrando a força de sustentação, subterrânea ou outra, é um autêntico guerreiro de selva. Na paz, é o mateiro do CIGS e dos pelotões de fronteira, o apoiador das ações das Forças Armadas, aquele que empresta sua área e seus meios para exercícios, aquele que participa como figuração nas manobras, além de diversas outras formas de manifestação genuína de brasilidade.

É importante destacar que o combatente de selva, militar, é um misto do homem que tem educação militar tradicional, em sua grande parte oriunda de outras regiões do Brasil, que só se torna um combatente verdadeiro após instalar-se e passar por um processo de adaptação, seja por consequência de estágios, treinamentos e ou cursos proporcionados pelo CIGS. A contribuição das culturas indígenas e caboclas – traduzida metodologicamente por intermédio dos cursos, estágios e adestramentos das tropas – representa importante fator determinante da qualidade do combatente de selva. Prescindir desse conhecimento autóctone é partir para o empirismo, com riscos que a História ensina a não correr.

3.1.2 CONCEITOS

a. Guerreiro de selva

Termo empregado para definir o especialista em operações na selva formado pelo CIGS, das Forças Armadas nacionais e estrangeiras. No jargão militar internacional é o *jungle expert*, apto a combater em qualquer selva do mundo com características semelhantes à da Amazônia.

b. Combatente de selva

- Militar, de qualquer posto ou graduação, de carreira ou temporário, que tem instrução específica própria de unidades de selva, para o desempenho de cargo previsto em quadro de organização (QO) das organizações militares do CMA e do CMN. Na prática, costuma-se caracterizar que o militar é “combatente de selva” a partir dos seguintes momentos:

(1) soldado do efetivo variável (EV), após o Estágio Básico do Combatente de Selva (EBCS) – a tradicional “Operação Boina”;

(2) oficiais, subtenentes e sargentos, após o Estágio de Adaptação à Selva (EASI), realizado pelo militar que serve nas unidades do CMA e do CMN;

(3) oficiais, subtenentes e sargentos de carreira, ao concluírem o curso de operações na selva, quando as situações anteriores ainda não tiverem ocorrido; e

(4) oficiais superiores que concluíram o curso de planejamento de operações na selva (hoje extinto), quando as situações anteriores não tiveram ocorrido.

ARTIGO II

DISTINTIVOS DOS CURSOS E ESTÁGIOS DO CIGS

3.2.1 O BREVÊ DE GUERRA NA SELVA

O brevê do guerreiro de selva é confeccionado na cor dourada, sendo composto de um escudo português laureado, carregado com um torso de onça pintada, encimado por uma estrela gironada, sendo o conjunto complementado com ramos de louro distendidos horizontalmente.



Figura 46 – Brevê do Guerreiro de Selva

Compõe-se de uma elipse de campo aveludado verde, orlada em linha preta para militares que servem ou serviram na Amazônia e orlada em linha amarelo-ouro para instrutores e monitores do CIGS, tendo sobre a mesma o distintivo metálico acima descrito, conforme o Regulamento de Uniformes do Exército.



Figura 47 – Brevê do Guerreiro de Selva com fundo verde

3.2.2 RELATO HISTÓRICO

*O brevê de guerra na selva
Gen Bda R/1 Bueno
Boletim Interno do CIGS, 2006(b)*

“O primeiro “brevê” do CIGS era, como tudo no início do Centro, inovador. Era de cor prata porque os cursos de oficiais e praças eram comuns, pois tinham o mesmo currículo. Herança dos paraquedistas.

O padrão era o mesmo adotado para os cursos do exército. Folhas de carvalho na horizontal, tendo na sua parte central um escudo português. A novidade era que este escudo era vazado, ou seja, no seu interior só havia um felino, onça pintada, de frente e com a boca aberta pronta para atacar. A razão para ser vazado era que teria como fundo a cor verde do uniforme, verde este representando a selva amazônica. Na época não havia o uniforme com a camisa bege de mangas curtas, só túnica ou blusão VO. Este “brevê” não foi aprovado e não pode mais ser utilizado.

A partir de 1971, como os cursos estavam funcionando com currículos diferenciados, em três categorias, “A” para Oficiais Superiores, “B” para capitães e Tenentes e “C” para Subtenentes e Sargentos, estabeleceu-se que haveriam distintivos dourado, para oficiais, e prateado para praças.



Figura 48 – Brevê dourado



Figura 49 – Brevê prateado

No ano de 1977, os então Instrutores Tenente Luiz Roberto Fragoso **Peret** Antunes (GS 805) e Tenente Itamar Teixeira **Barcelos** (GS 802) criaram uma “bolacha” (elipse) verde para ser usada entre o “brevê” e o uniforme operacional. A ideia foi apresentada aos instrutores e monitores do COSAC que prontamente aprovaram, e passaram a utilizá-la em seus uniformes, diferenciando-se dos demais guerreiros de selva. Essa elipse foi a precursora da elipse usada atualmente com os distintivos do COS nos uniformes de passeio.



Figura 50 – Elipse verde criada em 1977

Com o novo “Regulamento de Uniformes do Exército” (RUE), aprovado em 1987, oficializou-se o uso das “bolachas” sobre as quais deveriam ser colocados os distintivos. Para os que serviam ou serviram em OM operacionais de selva, seriam de fundo verde com bordas negras.

Nesse ano os instrutores e monitores do CIGS “inventaram” uma “bolacha” para que fossem diferenciados dos demais guerreiros de selva, substituindo a borda negra por amarela (dourada), sendo chamados desde então de “Borda Dourada” (BD).



Figura 51 – Brevê de Instrutores e Monitores do CIGS

3.2.3 DISTINTIVO DO CURSO DE PLANEJAMENTO DE OPERAÇÕES NA SELVA (CPOS)

A Portaria nº 278-EME, de 21 de julho de 2017, criou o Curso de Planejamento de Operações na Selva (CPOS), tendo como universo de seleção os oficiais superiores possuidores do Curso de Operações na Selva ou do Estágio de Adaptação à Selva, que servem nos Grandes Comandos e Grandes unidades do CMA, CMN e no Comando da 13ª Bda Inf Mtz.

O distintivo do CPOS para ser usado nos uniformes a rigor e de passeio compõe-se de um conjunto formado por um escudo peninsular português filetado de ouro, formando um tabuleiro de verde escuro e verde claro. Em abismo no coração, um torso de onça pintada em suas cores características, encimado de uma estrela gironada dourada.

A Portaria nº 440-EME/C Ex, de 2 de julho de 2021, extinguiu o CPOS.



Figuras 52 e 53 – Distintivos do Curso de Planejamento de Operações na Selva

3.2.4 DISTINTIVO DE ESTÁGIOS

A Portaria nº 671-C Ex, de 26 de junho de 2017, incluiu no Regulamento de Uniformes do Exército (RUE) o distintivo a ser utilizado pelos concludentes dos estágios do Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS).

O distintivo dos uniformes a rigor e de passeio compõe-se de um escudo circular verde, filetado de dourado; no coração, um torso de onça pintada em suas cores características; no chefe uma estrela dourada gironada.



Figura 54 – Distintivo de Estágios do CIGS (metálico)

O distintivo dos uniformes operacionais compõe-se de um escudo circular camuflado, filetado de cinza; no coração, um torso de onça pintada em cinza e camuflado; no chefe, uma estrela cinza gironada.



Figura 55 – Distintivo de Estágios do CIGS (emborrachado)

3.2.5 O BREVÊ DA EQUIPE DE INSTRUÇÃO

Além do brevê com borda dourada, utilizado nos uniformes de passeio, a equipe de instrução usa brevês diferenciados para serem utilizados no chapéu bandeirante e na blusa de combate.



Figuras 56 e 57 – Brevê de Instrutores e Monitores do CIGS usado no chapéu bandeirante



Figuras da 58 à 63 – Brevês de Instrutores e Monitores do CIGS para a blusa de combate.

ARTIGO III

A ONÇA (*Panthera Onca*) – ANIMAL SÍMBOLO DA GUERRA NA SELVA

3.3.1 GENERALIDADES

A onça pintada é o maior felino do continente americano, sendo encontrada do extremo sul dos ESTADOS UNIDOS até o norte da ARGENTINA. Essencialmente carnívora, alimenta-se de mamíferos de portes variados, tais como antas, veados, capivaras e porcos do mato, podendo, ainda, eventualmente, alimentar-se de quelônios, peixes e jacarés. A pelagem varia entre amarelo escuro quase dourado até castanho claro. A onça preta é uma variação melânica, possuindo maior quantidade de pigmento (melanina) em sua pele. Neste caso, a coloração amarela é substituída por uma pelagem preta ou quase preta com o mesmo tipo de manchas osciladas encontradas nas onças pintadas (rosetas). O corpo é completamente revestido por pintas negras, que formam rosetas dos mais diversos tamanhos, com um ou mais pontos negros em seu interior. Habita florestas tropicais úmidas, subtropicais e matas de galeria, incluindo ainda cerrado, caatinga e pantanal. Seu período de vida varia entre 18 a 20 anos, podendo, em cativeiro, alcançar 28 anos. Pesa em torno de 65 kg (55-110 kg), medindo em torno de 132 cm de comprimento (110-175 cm) até 60 cm de altura (48-75 cm), com a cauda relativamente curta (40-68 cm). Tem hábitos solitários, diurnos, com locomoção cuidadosa e sem ruídos, perseguindo a presa sem ser percebida. Atinge a maturidade sexual aos três anos, com uma gestação variando entre 93 a 110 dias. Exímia nadadora, utiliza a ponta da cauda como isca para obtenção do pescado. Possui garras potentes e retráteis, que são afiadas em troncos largos, cujas ranhuras auxiliam na demarcação de seu território. A força de sua patada pode chegar a 200 kg.

Por tudo isso, é considerada por guerreiros de selva brasileiros o seu animal-símbolo, como diz o verso do poema Que Não Ousem: “os guerreiros da selva são como a onça, que cerca pacientemente a presa para atacar no momento oportuno, fazendo ecoar um esturro ubíquo e aterrador”.

3.3.2 RELATOS HISTÓRICOS

Zoo do CIGS

Boletim Interno do CIGS, 2023

O Zoológico do CIGS teve sua origem em 1967, a partir da necessidade de apresentar aos alunos do então Curso de Guerra na Selva elementos da fauna e da flora amazônica, conhecimentos esses importantes na formação dos Guerreiros de Selva. A partir de 1969, foi aberto ao público em geral, já com o seu acervo bastante aumentado, oriundo de doações dos moradores do entorno do CIGS, passando por diversas modificações ao longo dos anos.

No ano de 1999, ele passou por um processo de modernização das suas antigas instalações em um projeto que contou com o apoio do Governo do Estado do Amazonas, da Prefeitura Municipal de Manaus e da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), aumentando não só o número de recintos para

melhor abrigar as espécies da floresta amazônica como, também, para melhor acolher o público visitante.

Atualmente, o Zoológico ocupa uma área de 45.000 m², coberta em sua maior parte de vegetação amazônica preservada.

Considerado um dos principais pontos turísticos de Manaus, possui em seu acervo somente animais amazônicos brasileiros, contando com um plantel de 1142 animais, sendo 65 mamíferos, 47 aves, 231 répteis e 799 peixes, totalizando uma riqueza de mais de 61 espécies.

O Zoo CIGS prioriza a educação ambiental, a pesquisa, a conservação e o acolhimento, onde todos os animais são oriundos de órgãos ambientais e criadouros autorizados.

Apresenta várias áreas de visitação, tais como: Recintos Animais, Sala Entomológica, Aquário Amazônico, Memorial Jorge Teixeira, Sala de exposição Exército Brasileiro - Presença na Amazônia e a OCA do Conhecimento Ambiental. É administrado pela Divisão de Veterinária do CIGS, setor responsável também pelas propostas educativas do Zoo CIGS, por meio da Educação Socioambiental (OCA).

O Zoo CIGS por estar inserido dentro de um fragmento de floresta amazônica recebe a visita de animais de vida livre, que por vezes podem ser avistados durante uma caminhada (preguiças, garças, pica-paus, macacos micos, dentre outros).

No dia 21 de novembro, o Zoo CIGS inaugurou as instalações atendidas pelo Projeto Zootech. Esse projeto inovador, caracterizado pela cooperação sinérgica entre a Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), a Empresa TRANSIRE Eletrônicos, o Instituto CONECTHUS - Tecnologia e Biotecnologia da Amazônia e o Comando Militar da Amazônia, materializou o avanço rumo à excelência no acolhimento ao público visitante do Zoológico, cujo movimento anual ultrapassa 100 mil pessoas.

As evoluções trazidas à rotina do Zoo proporcionaram uma experiência mais confortável e interativa, conectada à vanguarda tecnológica, exigida pela era da informação. Ressaltam-se dentre entre os progressos obtidos: a aquisição de ingressos em totens de autoatendimento; e o contato com as experiências sensoriais transmitidas na Sala de Imersão General de Exército RODRIGO OCTÁVIO, onde é exposto, de forma digital, o conhecimento sobre a missão histórica do Exército Brasileiro e de heróis nacionais partícipes na conquista e na manutenção, bem como na defesa e no desenvolvimento da Amazônia brasileira.

Sobre o Aquário Amazônico, ele foi reinaugurado no dia 28 de julho de 2023. A reforma e a reativação do aquário amazônico do Zoo CIGS foi fruto da parceria entre o Comando Militar da Amazônia (CMA), a 12^a Região Militar (12^a RM), o CIGS, o Ministério Público do Trabalho no Amazonas e Roraima (MPT – AM/RR) e a Empresa ZooFish, transformado a maneira como o Exército Brasileiro se conecta com a população, destacando a importância estratégica e o comprometimento das instituições militares na proteção e no desenvolvimento da Amazônia. O primeiro Aquário Amazônico do Zoológico do CIGS foi inaugurado em 5 de dezembro de 2014, porém teve que ser fechado em fevereiro de 2021, devido a problemas técnicos.



Figura 64 - Zoológico do CIGS

Onças do CIGS
Gen Bda R/1 Bueno
Boletim Interno do CIGS, 2006(b)

“A primeira onça nomeada pelo CIGS foi a mascote que recebeu o nome do Centro: **“CIGS”**. Mais tarde, falecido o Primeiro Comandante, Coronel TEIXEIRA, em sua homenagem foi batizada uma onça com o nome **“TEIXEIRÃO”**.

Nomear onças tornou-se uma tradição. Uma das razões é que facilitava o controle dos felinos: jaulas, aplicação de vacinas, banho, alimentação etc. Surgiram nomes que, muitas vezes, não tinham a menor relação com o CIGS nem com a AMAZÔNIA, tais como: **“ZEUS”**, **“PRINCESA”**. Por cerca de oito anos o CIGS chamou-se COSAC, por tradição, surgiu a onça **“COSAC”**.

Mantendo a tradição de homenagear os Comandantes do CIGS falecidos, iniciada pela onça **“TEIXEIRÃO”**, em 1988, chega a notícia no CIGS, do agravamento do estado de saúde do Gen Div **GARRONE ROMÃO VELOSO**, Segundo Comandante do COSAC.

O Comandante do CIGS, que havia sido subordinado do então Coronel GARRONE, no COSAC, homenageia ainda em vida, o insigne General, batizando a primeira onça nascida após a notícia, de **“GARRONE”**.

Em Abr 88, o Comandante do CIGS emite o seguinte rádio para o General: **“PARTC VEX VG NASCEU ONÇA PRETA MACHO VG PESANDO 0,9 KG VG DENOMINADA ASPAS GARRONE ASPAS PT SELVA PT”**.

O Comandante do CIGS recebeu um comovido cartão de agradecimento que, pela singeleza e humildade das palavras do General GARRONE, determinou a sua transcrição em boletim interno,

Após o falecimento do Coronel R/1 OLIVEIROS **LANA DE PAULA**, Quarto Comandante do COSAC, é atribuído seu nome à primeira onça macho nascida após o seu falecimento: **“LANA”**. Ela foi batizada pela professora **TEREZINHA**, Diretora

da escolinha apoiada pelo Centro e localizada na AM-010, na área de instrução. Que se mantenha esta tradição!

***A integração homem/animal
Gen Ex R/1 Pedrozo
Boletim Interno do CIGS, 2006(a)***

“Cheguei a ver cinco onças mansas no CIGS. Tenho profundo carinho pelos animais, também são criações de Deus. Participavam de desfiles matinais e em seguida eram soltas (sem coleiras) até as 0900h. Ficavam no meio da turma, na sessão preparatória para o treinamento físico. iam sozinhas para a jaula, apenas com um toque de vara do tratador”.

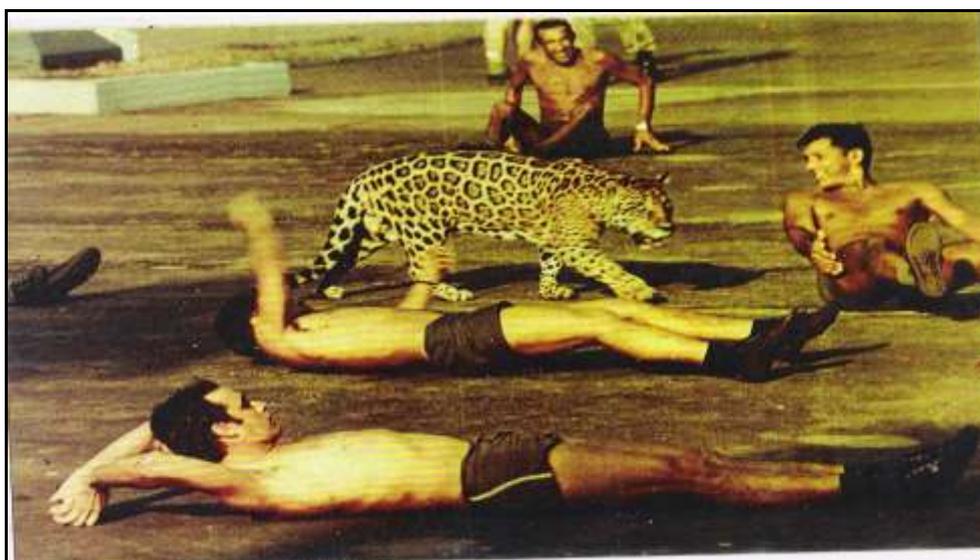


Figura 65 - Onça COSAC (1969–1996) na preparatória da educação física



Figura 66 – Onça ZEUS e Onça CIGS



Figura 67 – Onça ZEUS com o então Coronel PEDROZO – Cmt CIGS

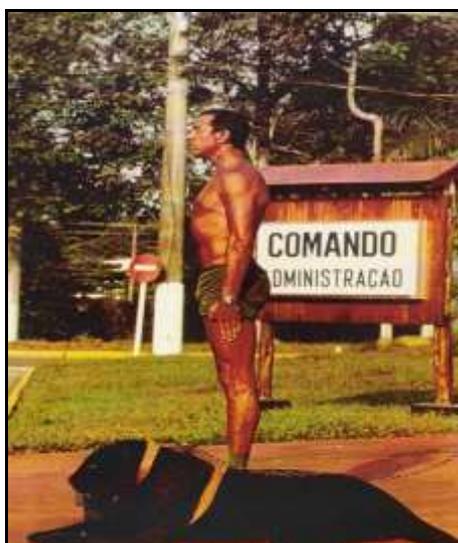


Figura 68 – Onça ZEUS na formatura matinal



Figura 69 – As cinco onças mansas: TEIXEIRÃO, ZEUS, COSAC, PRINCESA e PRETINHA



Figura 70 – Onça XINGU, mascote do CIGS entre os anos de 1985 e 2006

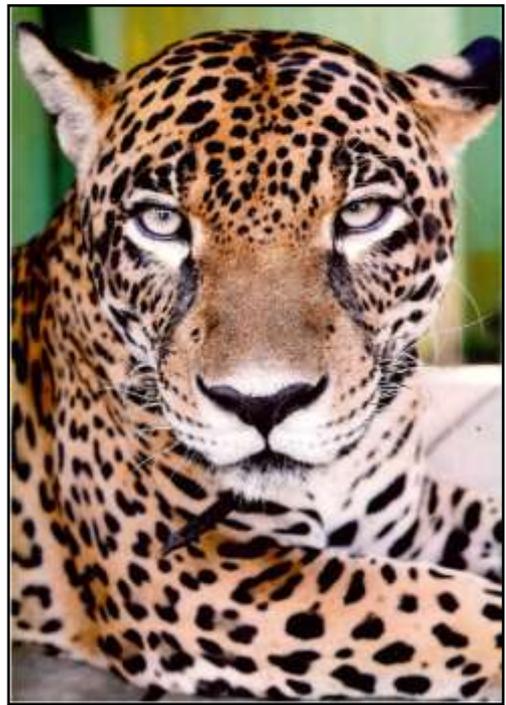


Figura 71 – Onça CATRIMANI, mascote do CIGS entre os anos de 1992 e 2003



Figura 72 – Onça CHITARA, mascote do CIGS entre os anos de 1996 e 2016



Figura 73 – Onça SIMBÁ, mascote do CIGS entre os anos de 1996 e 2016



Figura 74 – Onça GAROTO, mascote do CIGS entre os anos de 1998 e 2004



Figura 75 – Onça CABRAL, mascote do CIGS entre os anos de 2002 e 2004



Figura 76 – Onça TIENE, mascote do CIGS entre os anos de 2005 e 2006



Figura 77 – Onça SIMBA, mascote do CIGS entre os anos de 2005 e 2021



Figura 78 – Onça JIQUITAIA, oriunda da 12ª RM

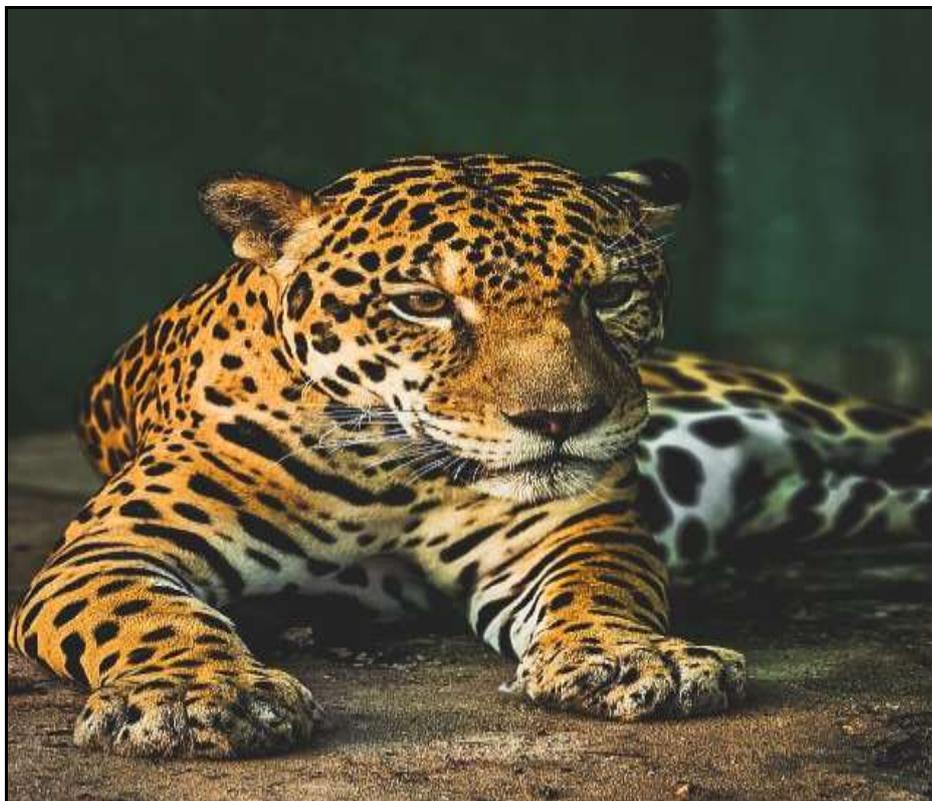


Figura 79 – Onça THAUMATURGO, mascote atual do CIGS, desde 2021

ARTIGO IV

A CASTANHEIRA (*Bertholletia Excelsa*) ÁRVORE SÍMBOLO DA GUERRA NA SELVA

3.4.1 RELATO HISTÓRICO

A Castanheira
Cel Souza Abreu

Boletim Interno do CIGS, 2006(c)

A castanheira (*bertholletia excelsa*), também conhecida como castanha do Brasil, é a mais famosa espécie de árvore nativa da Amazônia. Para o CIGS, é considerada a 'árvore-símbolo da guerra na selva'.

É uma das árvores mais altas da Amazônia, chegando a atingir até 60 metros de altura e diâmetro superior a 4 metros. A castanheira é encontrada em matas de terra firme, muitas vezes formando agrupamentos, conhecidos como castanhais. Seu porte característico parece indicar no horizonte a direção certa para os navegantes, é belo e inconfundível.

Da castanheira, tudo se aproveita, desde suas folhas para abrigos e servindo de erva medicinal, passando pelos conhecidos frutos, encapsulados em ouriços, além de seu tronco, utilizado em construções. É, entretanto, uma árvore protegida por lei, tendo, atualmente, o seu corte proibido, sendo merecedora de respeito de todos os amazônicos, sejam combatentes sejam nativos.

Não é sem razão que a castanheira é o nome da medalha concedida aos militares que prestam seu serviço no Comando Militar da Amazônia, simbolizando, especialmente nos distantes pelotões de fronteira, a tríade 'vida-combate-trabalho'.

(Texto lido na inauguração das novas instalações da BI/4, em 17 de dezembro de 2006, durante o plantio de três castanheiras)

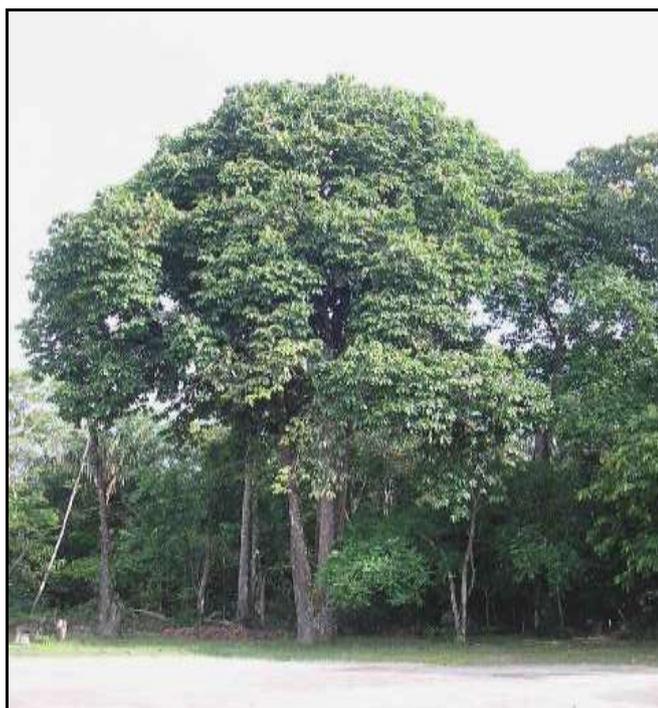


Figura 80 – A Castanheira.

ARTIGO V
A CANÇÃO DO CIGS

3.5.1 LETRA

**Tempestades, chavascais, charcos e espinhos,
Perigo à espreita na mata tão voraz,
Sombra e silêncio pelas trilhas e caminhos,
Guerra na selva, um teste eficaz.
A fraterna convivência nos ensina,
O valor de uma sã camaradagem,
Com justiça, liberdade, com estima,
Sempre alerta com bravura e coragem.
Nós somos uma tropa de vanguarda,
Para quem o perigo não existe,
Com orgulho usamos esta farda,
Investindo com as armas sempre em riste.
À Amazônia incontestável o nosso preito,
A nossa vida por sua integridade,
A nossa luta pela força do direito,
Com o direito da força em validade.
Se a selva não pertence ao mais forte,
Mas ao sóbrio, habilidoso e resistente,
Temos tudo pra lutar até com a morte
No perigo nossa força está presente.
Nós somos uma tropa de vanguarda,
Para quem o perigo não existe,
Com orgulho usamos esta farda,
Investindo com as armas sempre em riste.**

(Newton Aguiar)

3.5.2 RELATO HISTÓRICO

A Canção do CIGS
Coronel R/1 Itamar Teixeira Barcelos

No ano de 1977, eram instrutores do CIGS COSAC o então Tenente Itamar Teixeira **Barcelos** (GS 802) e o então Tenente Luiz Roberto Fragoso **Peret** Antunes (GS 805). Esses instrutores conheceram nesse ano o cidadão amazonense Newton Aguiar, que havia feito uma poesia em homenagem ao CIGS. Solicitaram

autorização ao autor para apresentá-la ao Coronel Oliveiros **Lana de Paula**, então Comandante do COSAC. O comandante gostou tanto da poesia que determinou que seria a letra da Canção da OM.

ARTIGO VI

A ORAÇÃO DO GUERREIRO DE SELVA

3.6.1 ORAÇÃO

“Senhor, tu que ordenaste ao guerreiro de selva:

Sobrepujai todos os vossos oponentes,

dai-nos hoje da floresta:

a sobriedade para persistir,

a paciência para emboscar,

a perseverança para sobreviver,

a astúcia para dissimular

a fé para resistir e vencer.

E dai-nos, também, Senhor,

a esperança e a certeza do retorno,

mas se defendendo esta brasileira Amazônia

tivermos que perecer, ó Deus,

que o façamos com dignidade

e mereçamos a vitória!

Selva!”

(então 1º Ten Inf Humberto Batista Leal)

3.6.2 RELATO HISTÓRICO

***A Oração do Guerreiro de Selva
Coronel Humberto Batista Leal
Boletim Interno do CIGS, 2006(b)***

“A primeira ideia que tive de escrever uma oração para os combatentes de selva nasceu durante o meu curso de guerra na selva em 1980, precisamente na área destinada ao descanso dos alunos na Base de Instrução Nr 2. Ali eu falei para alguns companheiros de curso que desejava escrever um poema para ser recitado pelas tropas de selva. Eu juntava, em silêncio, as palavras mais simples que

encontrava, para compor os versos que tivessem a simplicidade da floresta e dos homens que usavam o brevê da onça. Havia instantes de incerteza e angústia naqueles dias difíceis, e imaginávamos o que seria a guerra naquele ambiente hostil. Nessas horas de se buscar forças para vencer fadigas diárias, desafios ameaçadores, não há como o homem evitar o mergulho dentro de si mesmo; e, ao fazê-lo, conduz naturalmente o pensamento a Deus – o mesmo Deus que não explica nossas guerras, mas nos fortalece diante das interrogações do destino, mesmo as mais enigmáticas e incompreensíveis indagações. Em junho daquele ano, pouco mais de vinte oficiais concluíam o curso.

Meses depois, já nomeado instrutor do Centro de Instrução de Guerra na Selva, retornei a Manaus, ficando hospedado, com minha esposa e filho, na casa do então 1º Tenente Benedito Rosa Filho. Na Rua Brasil, da Vila Militar de São Jorge, mesma rua do Hotel de Trânsito dos Oficiais.

Éramos comandados pelo Tenente Coronel Gélio Augusto Barbosa Fregapani, autor das Leis da Guerra na Selva e um entusiasmado Comandante. A Seção de Selva era dirigida pelo Capitão Barros Moura; a de Doutrina e Pesquisa, pelo Capitão Joel. A equipe se compunha de capitães e tenentes.

Eu fiz dupla em Orientação na Selva com o meu estimado amigo tenente Antônio Carlos Duarte Soares. Em março de 1981, passamos muitos dias percorrendo as pistas de orientação, identificando e reparando placas. E falávamos da oração. Ao retornar a Manaus, numa daquelas noites de descanso na casa do Rosa Filho, conversávamos na varanda quando peguei uma caneta e escrevi os versos que levaria, no dia seguinte, à apreciação do nosso Comandante Fregapani. Ele gostou do que leu e ouviu. Reuniu, naquela mesma semana, no anfiteatro da Base de Instrução V, os oficiais e sargentos, e falou da Oração do Guerreiro de Selva. Disse-me para recitá-la e aos demais para que repetissem o que eu dizia. Foi a primeira vez que a recitamos – ainda timidamente.

A partir de então, passamos a declamar a Oração do Guerreiro de Selva antes e após o início das atividades nas bases de instrução. Mandamos pintar placas com o poema e as afixamos nas bases. Todos procuravam memorizar a Oração. Logo começamos a declamá-la nas formaturas e nas atividades de instrução. Isto só acontecia no Centro de Instrução de Guerra na Selva. Foi assim que tudo começou.

O poema é demasiadamente simples, como transcrevo em seguida:

“Senhor, tu que ordenaste ao guerreiro de selva:

‘Sobrepulai todos os vossos oponentes’,

dai-nos hoje da floresta:

a sobriedade para persistir,

a paciência para emboscar,

a perseverança para sobreviver,

a astúcia para dissimular

e a fé para resistir e vencer.

E dai-nos também, Senhor,

a esperança e a certeza do retorno,

mas se defendendo esta brasileira Amazônia

tivermos de perecer, ó Deus,

que o façamos com dignidade

e mereçamos a vitória!

Selva!”

Talvez tenhamos herdado do latim o “tutear” (tratar por tu) Deus, que expressa familiaridade com o divino. Gramaticalmente eu deveria ter escrito “vós”, para concordar verbalmente com o “dai-nos” do terceiro verso. Mas resolvi escrever “tu”, porque assim também os habitantes do norte costumavam falar. Mesmo quando a televisão chegou a Manaus, em 1970, trazendo os modismos da fala do Rio de Janeiro, os amazônicos nunca foram de falar “você” ou “vós”. E era assim que, nas horas aflitivas na selva, eu rezava: chamando Deus com o pronome “tu”, segunda pessoa do singular, como quem chama um amigo que é o refúgio mais ansiado.

“Sobrepujai todos os vossos oponentes”: é o que podemos esperar de Deus, a força espiritual para superar os que por contingência se tornam nossos adversários, sejam os inimigos, sejam os elementos hostis da floresta, sejam os nossos próprios medos. Tornamo-nos imbatíveis quando guiados por Deus: somos corajosos o suficiente para enfrentar todas as nossas guerras. E é isto que esperamos ouvir interiormente quando pedimos forças aos céus.

“Dai-nos hoje da floresta:
a sobriedade para persistir,
a paciência para emboscar,
a perseverança para sobreviver,
a astúcia para dissimular

e a fé para resistir e vencer” – é na própria floresta que encontramos certas virtudes necessárias ao guerreiro: sem sobriedade, não há como resistir à exaustão e à confusão mental, não se pensa e não se age; sem a paciência, não há como ser parte da própria selva, ser parte dos seus silêncios e dos seus ardis, ser parte de suas vozes; sem perseverança, não há como resistir ao cansaço, ao medo, às doenças, à fome, ao desconforto, às incertezas; sem astúcia, não há como agir à semelhança da onça que se move silenciosamente antes do bote decisivo, sem nunca precisar o instante do ataque; e sem fé, fundamento de todas as coisas, não há como ser fortaleza inexpugnável, que a tudo resiste porque almeja a glória de vencer.

“E dai-nos também, Senhor,
a esperança e a certeza do retorno.
Mas se defendendo esta brasileira Amazônia,
tivermos de perecer, ó Deus,
que o façamos com dignidade

e mereçamos a vitória! Selva!” – os versos falam por si próprios: na guerra, diz-se que o homem precisa primeiramente almejar o seu retorno – esta é sua esperança, o seu anseio primeiro, fazer a guerra, voltar para casa –, mas só consegue alcançar a certeza do retorno, pouco a pouco, a cada dia e a cada mal, a cada patrulha e a cada batalha. Nem sempre, contudo, este retorno é garantido; ainda assim, para os que se amparam em Deus, há a resignação de enfrentar e aceitar seu destino e sua hora; e se houver que se defrontar com a morte, que esta seja digna e heroica, como convém aos que lutam, até com o sacrifício da própria vida por uma causa, sem nunca perder de vista a vitória. Somos todos efêmeros, bem o sabemos, como efêmeras são as palavras, como efêmeras são as guerras. Mas somos eternos quando, confrontados com a temporalidade, vencemos o esquecimento com nossos feitos, mesmo os mais simples e insignificantes feitos.

Nossa causa é defender a Amazônia brasileira – em última instância, o Brasil, sua soberania.”

ARTIGO VII
AS LEIS DA GUERRA NA SELVA

3.7.1 LEIS

1ª- Tenha iniciativa, pois não receberá ordens para todas as situações, tenha em vista o objetivo final.

2ª- Procure a surpresa por todos os modos.

3ª- Mantenha seu corpo, armamento e equipamento em boas condições.

4ª- Aprenda a suportar o desconforto e a fadiga sem queixar-se e seja moderado em suas necessidades.

5ª- Pense e aja como caçador, não como caça.

6ª- Combata sempre com inteligência e seja o mais ardiloso.

(TC Inf Gélío Augusto Barbosa Fregapani)

3.7.2 RELATO HISTÓRICO

As Leis da Guerra na Selva
Cel Fregapani
Boletim Interno do CIGS, 2006(b)

“No início do CIGS, o curso então era praticamente de instrução individual; de coletivo apenas um pouco de patrulhas e emboscadas. Ao terminar meu tempo de instrutor, visando influir no que reconhecia como lacuna, escrevi na revista Defesa Nacional alguns artigos sobre o assunto “GUERRA NA SELVA”. Em um deles descrevi como deveria ser um GC de infantaria de selva, naturalmente distinto de um GC comum e com armamento e equipamento adequados. O nome do artigo é “A TROPA DE SELVA”, se não me falha a memória e foi publicado por volta de 1970. Nele que escrevi as “LEIS DA GUERRA NA SELVA”.

As “leis” se popularizaram quando, no meu comando, as mandei escrever numa parede.

“Ainda hoje as considero pertinentes e adequadas.”

ARTIGO VIII
O FACÃO DO GUERREIRO DE SELVA

3.8.1 GENERALIDADES

a. O **Facão do Guerreiro de Selva (FGS)** é um facão de mato (terçado), representativo do guerreiro de selva, concedido pelo Centro de Instrução de Guerra

na Selva àqueles que ousaram enfrentar um dos mais difíceis testes do Exército Brasileiro – o “Curso de Guerra na Selva” – e conquistaram o direito de ostentar no peito o brevê da “cara da onça”.

b. A honraria também é estendida a autoridades que tenham contribuído com a mística que norteia o espírito dos guerreiros de selva da Amazônia brasileira e ou representem também importantes vetores de difusão dos nobres valores do CIGS, do Comando Militar da Amazônia e do Exército Brasileiro.

c. A ritualística do FGS está inserida no campo da mística dos guerreiros de selva. É o produto final de um processo que se inicia com o manifesto interesse de um guerreiro de selva em portá-lo – ou do próprio CIGS em concedê-lo a determinado(s) guerreiro(s) de selva – e termina com a cerimônia de concessão conduzida, prioritariamente, no Campo de Instrução General Sampaio Maia.

d. O facão do guerreiro de selva alude ao pioneiro Comandante do CIGS – Coronel Jorge Teixeira, o “TEIXEIRÃO” – cuja empreendedora ação de comando serve de inspiração às sucessivas gerações de guerreiros de selva. O FGS Nr 0001 é, simbolicamente, o FGS do “TEIXEIRÃO”.

e. O facão do guerreiro de selva tem dupla finalidade. Serve ao uso em atividades militares, por conta da excelente qualidade de sua lâmina e outros requisitos desejáveis ao combate e à vida na selva; e, também, constitui objeto de grande valor representativo das fortes emoções vivenciadas na Amazônia, uma joia militar a ser guardada em local de destaque na galeria de lembranças da carreira das armas.

3.8.2 RELATO HISTÓRICO

*O Facão do Guerreiro de Selva
Cel Souza Abreu
Boletim Interno do CIGS, 2006(a)*

“As tropas de elite mais famosas do mundo estão associados facas ou facões que os identificam”. É usual, no encontro de camaradas de forças armadas amigas, a mostra recíproca desse emblemático artefato que, de certo modo, revela o significado histórico das corporações que integram. Os guerreiros de selva formados pelo CIGS, desde o curso pioneiro em 1966, passaram a constituir, incontestavelmente, um grupo diferenciado no contexto do Exército Brasileiro. Entretanto, até o ano 2003, faltava-lhes a materialização do símbolo de um de seus principais instrumentos de trabalho e de combate – um facão personalizado.

A partir dessas considerações – aproveitando o ensejo das comemorações dos 40 anos de criação do CIGS em 2004 –, foi desenvolvido o Projeto Facão do Guerreiro de Selva, que teve como premissas: a inspiração histórica na lâmina de duplo corte de facão modelo CIGS existente na década de 1980; conter miniatura de cabeça de onça; conter o brevê do especialista em operações na selva; e ser a lâmina e os adereços de alta qualidade. Assim, surgiu o **FGS M2004 ONÇA DOURADA**, fabricado por **ZAKHAROV FACAS ARTESANAIS**, havendo distinção na cruzeta do facão, sendo o brevê dourado para oficiais e prateado para praças. O modelo perdurou até 2005, com 92 guerreiros de selva agraciados.



Figura 81 - Facão do Guerreiro de Selva (FGS M 2004) ONÇA DOURADA
(Modelo vigente até 2005)

Em 2005, o FGS ONÇA DOURADA foi aperfeiçoado em beleza e qualidade, sendo fabricado pelo Cuteleiro *R. VILAR*, passando a denominar-se **FGS M2006 ONÇA DOURADA**. Algumas especificações técnicas foram alteradas, sendo a mais aparente o acobreamento do brevê do especialista, traduzindo a interação das categorias dos cursos de todos os tempos. Preservou-se, no entanto, as mesmas premissas que nortearam o FGS M2004. Esse modelo perdurou entre 2006 e 2009.



Figura 82 - Facão do Guerreiro de Selva (FGS M 2006) ONÇA DOURADA
(Modelo vigente entre 2006 e 2009)

A partir do ano de 2010, o CIGS retornou ao modelo ONÇA DOURADA fabricado pela empresa *ZAKHAROV FACAS ARTESANAIS*.



Figura 83 - Facão do Guerreiro de Selva (FGS M 2010) ONÇA DOURADA
(Modelo vigente entre 2010 e 2013)

No ano de 2012, o CIGS desenvolveu o Projeto Facão “ONÇA NEGRA” (**FGS M2012 ONÇA NEGRA**), inovador por ser uma peça única, em aço temperado, com a cruzeta tendo o brevê em bloco também único, seguido por uma cabeça de onça, tudo na cor negra.



Figura 84 - Facão do Guerreiro de Selva (FGS M 2012) ONÇA NEGRA
(Modelo vigente entre 2012 e 2020)

Ainda em 2012, o FGS M2012 serviu de base para criação do **Facão do Combatente de Selva (FCS)**, que contém a mesma lâmina e cabo ergonômico confeccionado em material de alta resistência, fabricado pelo cuteleiro R. VILAR e destinado ao seguinte público: militares que sirvam ou serviram no CIGS, pelo período mínimo de 1 (um) ano e que tenham contribuído com o ensino e/ou difusão da mística do combatente de selva.



Figura 85 - Facão do Combatente de Selva (FCS) ONÇA NEGRA
(Modelo vigente entre 2012 e 2020)

No ano de 2014, foi desenvolvido o Facão do Combatente de Selva Dourado (FCS ONÇA DOURADA), fabricado por *ZAKHAROV FACAS ARTESANAIS*, sendo diferente do FCS ONÇA NEGRA apenas na constituição do material.



Figura 86 - Facão do Combatente de Selva (FCS) ONÇA DOURADA
(Modelo vigente entre 2014 e 2020)

Ainda em 2014, com a alteração do RUE e a previsão de utilização do brevê de Guerreiro de Selva na cor dourada para oficiais e praças, o brevê da cruzeta do FGS passou a ser confeccionado também na cor dourada, surgindo o modelo **FGS M2014 ONÇA DOURADA**.



Figura 87 - Facão do Guerreiro de Selva (FGS M 2014) ONÇA DOURADA
(Modelo vigente desde 2014)

Por ocasião das comemorações do Cinquentenário do CIGS, também em 2014, foi desenvolvida uma edição limitada da FACA MODELO CIGS, com a finalidade exclusiva de presentear colaboradores do Centro naquela ocasião.



Figura 88 – Faca CIGS 50 anos

Por ocasião da criação do Curso de Planejamento de Operações na Selva (CPOS), no ano de 2018, o CIGS instituiu o Facão do Combatente de Selva (FCS) Modelo AJURICABA, que era de uso exclusivo dos concludentes do CPOS.



Figura 89 - Facão do Combatente de Selva (FCS) AJURICABA
(Modelo vigente entre 2018 e 2020)

Em 2020, o cuteleiro R. VILAR interrompeu a produção dos FGS ONÇA NEGRA e do FCS ONÇA NEGRA, com isso o cuteleiro Cap QAO R/1 HILÁRIO, proprietário da empresa HT FACAS, se incumbiu da nobre missão de confeccionar esses 2 facões. Assim, o Comandante do CIGS autorizou a concessão do FCS AJURICABA, única e exclusiva dele, aos militares concludentes do Estágio de Adestramento do Pelotão de Selva, a militares que tenham ligação com a atividade de ensino e difusão da mística da Guerra na Selva e a autoridades e/ou instituições (militares ou não) que tenham contribuído de forma direta ou indireta com a difusão dos nobres valores do CIGS, do Comando Militar da Amazônia, do Comando Militar do Norte e do Exército Brasileiro.



Figura 90 - Facão do Guerreiro de Selva (FGS) ONÇA NEGRA
(Modelo vigente desde 2020)



Figura 91 - Facão do Combatente de Selva (FCS) AJURICABA
(Modelo vigente desde 2020)

Os modelos FGS M2014 ONÇA DOURADA, FGS ONÇA NEGRA e FCS AJURICABA coexistem atualmente, sendo que, até o presente momento, em 194 Cerimônias de Concessão do FGS e 16 Cerimônias de Concessão do FCS, foram concedidos 3.315 FGS e 48 FCS. No caso do FGS, cabe ao pretendente a recipiendário realizar sua escolha de modelo individualmente; quanto ao FCS, a concessão é discricionária do Comandante do CIGS.

ARTIGO IX

O TAPIRI DA MÍSTICA

3.9.1 GENERALIDADES

É uma construção rústica, localizada na floresta do CIGSM, na margem esquerda do Igarapé CANDIRU, na BI-2, sustentado por toras de aquariquara, coberta com palha, contendo em seu interior os símbolos da Mística do Guerreiro de Selva (Distintivos do CIGS e do Guerra na Selva, Facão talhado em madeira, foto do TEIXEIRÃO, Banner dos Pioneiros e Bandeira do Brasil) e a Távola de madeira em formato semicircular, com bancos em madeira à retaguarda, que dão assento aos recipiendários, paraninfos e convidados.

Na frente dos bancos, existem afixadas nas mesas aquariquaras com fendas na sua parte superior, que servem de suporte para os FGS postados sobre a tábola em formato circular.

O 1º assento da tábola é destinado ao Coronel JORGE TEIXEIRA (1º Comandante do CIGS). No início, era apenas uma “ferradura”, que comportava 16 militares sentados, porém com o passar dos anos e a imensa difusão da mística foi necessário ampliar esse efetivo e, atualmente, existem duas ferraduras. A primeira comporta 21 militares (o primeiro assento continua pertencendo ao “TEIXEIRÃO”) e a segunda tem 42 lugares, totalizando 63 assentos.

O piso é em cimento rústico, pintado nas cores do couro da onça pintada. É constituído, ainda, de uma passarela de alvenaria, assentada com pedras rústicas da Amazônia, um trapiche às margens do Igarapé CANDIRU e local para acendimento da fogueira no centro do dispositivo. A iluminação pode ser feita por meio de lâmparas de bambu com breu vegetal e maravalha.

No suporte em frente ao assento destinado ao Coronel JORGE TEIXEIRA, é colocado o FGS Nr 0001, simbolizando a presença do Patrono do CIGS.

3.9.2 RELATOS HISTÓRICOS

*O Tapiri da Mística
Cap QAO R/1 Pinheiro
Boletim Interno do CIGS, 2023*

Ao ser instituído o Facão do Guerreiro de Selva, necessitava-se agora de um local digno de abrigar uma cerimônia única e mística com a finalidade de realizar a entrega da joia-arma.

Nesse sentido, ainda durante o comando do Cel SOUZA ABREU, 18º Cmt CIGS, pensou-se em um local onde se pudesse confraternizar e enaltecer as místicas da Guerra na Selva. Dessa forma, a inspiração foi na Távola Redonda, pois buscava-se a igualdade entre camaradas, um local onde não houvesse cabeceira e que todos pudessem expressar suas opiniões e compartilhar seus anseios e experiências.

Esse local deveria permitir que os camaradas se sentissem completamente à vontade, preservando o respeito, porém independente da hierarquia. Inclusive, os participantes precisavam estar desprovidos de armas, devendo acondicioná-las em

um suporte, o que representa a máxima solicitude de um soldado para com seu próximo. O objetivo era que todos pudessem confraternizar-se, celebrar e até ouvir críticas de irmãos que almejam buscar novos objetivos, sempre no intuito de engrandecer mutuamente a confraria das velhas onças. Dessa forma, respeitando a cultura do ambiente amazônico, concluiu-se que deveria ser construído um tapiri.

O Tapiri da Mística
Cap QAO R/1 Duran
Boletim Interno do CIGS, 2023

Com a ideia de construção de um tapiri estabelecida, pensando em viabilidade logística, o Sgt DINIZ, juntamente com o Cb BASTOS, encabeçaram a escolha do local para a construção de um tapiri no perímetro da Base de Instrução Nº 2 (Base PLÁCIDO DE CASTRO), mais precisamente na face leste da Estrada do PURAQUEQUARA (AM-449), quase à frente do refeitório da BI-2, na margem esquerda do igarapé CANDIRU.

Definido o local, iniciaram-se os trabalhos de limpeza, preparação da área e erguimento da estrutura, o que ocorreu de maneira bastante rápida. Após concluída, era uma construção rústica, sustentada por toras de aquariquara, coberta com palha e piso natural da selva. Faltava algo. Então fui chamado para verificar o que poderia ser incrementado e, de imediato, me veio à mente o símbolo maior da Guerra na Selva: a onça pintada. Assim, concretamos o piso e adicionamos “moedas” de aquariquara no mesmo, em seguida o concreto foi pintado com tinta amarelo ouro e as madeiras pintadas com tinta preta, dessa forma estava simbolizado o couro da onça pintada.

ARTIGO X

O TAPIRI OCARA MUNDURUKU

3.10.1 RELATO HISTÓRICO

O Tapiri OCARA MUNDURUKU
Cap QAO R/1 Pinheiro
Boletim Interno do CIGS, 2023

Nos anos 90, havia a tradição de os camaradas da equipe de instrução, quando chegavam de alguma base de instrução, confraternizar-se no tapiri “recanto do guerreiro”, que se localiza próximo à piscina e ao zoológico do CIGS. Em 1999, o zoológico sofreu grande ampliação, o que fez com que na primeira década dos anos 2000 as visitas aumentassem sobremaneira. Como resultado disso, o local utilizado pela equipe se tornou bastante exposto, tendo visada direta do público civil que visitava o zoológico. Dessa forma, a privacidade das confraternizações dos camaradas estava comprometida.

Assim, era necessário providenciar um outro local para não se perder a tradição. O local ideal, por conta da discricão, seria na área de selva à retaguarda do pavilhão da Divisão de Ensino.

Escolhido o local, agora a missão era iniciar a construção de um local temático e místico para abrigar os camaradas da equipe Munduruku (Instrutores e Monitores do CIGS). Aproveitou-se, então, a ideia de construção do Tapiri da Mística e criou-se uma “cópia” dele, porém com capacidade menor, de apenas 44 lugares dispostos, também, em 2 ferraduras. O processo de construção foi idêntico ao do Tapiri da Mística e, finalmente, em 2006, estava pronta a obra.

Faltava, ainda, batizar o novo local. Foram levantadas 2 opções de nomes a serem votadas pela equipe de instrução: MALOCA ou OCARA. O segundo nome foi o mais votado. Dessa forma, o novo tapiri finalmente possuía um nome: OCARA MUNDURUKU. Inicialmente, apenas a equipe de instrução o utilizava, porém, mais tarde, foi aberta a visitação a todos os guerreiros de selva do CIGS.

Nota: a **OCARA** é uma espécie de praça localizada na parte central de uma aldeia indígena de algumas tribos brasileiras, considerada um local de grandes celebrações e de onde partem as trilhas que levam às roças, aos campos e aos bosques. Trata-se do local onde se reúnem os conselheiros da tribo e onde as mulheres preparam as bebidas rituais. Dada sua importância, durante o processo de colonização do Brasil, uma das primeiras ações dos jesuítas ao tomarem contato com essas tribos era fincar um “cruzeiro no meio da OCARA”.

ARTIGO XI

FLÂMULAS DOS COS E DO CIOS

3.11.1 RELATO HISTÓRICO

*As Flâmulas dos COS
Cap QAO R/1 Pinheiro
Boletim Interno do CIGS, 2023*

A instituição das flâmulas que caracterizam e identificam os turnos dos COS fazia parte do pacote de aperfeiçoamento e difusão da mística da Guerra na Selva, que, além delas, continha também o desenvolvimento do Facão do Guerreiro de Selva, a construção do tapiri da mística e a inclusão da inscrição instrutor e monitor no brevê de gorro da equipe de instrução. Ficou definido que as flâmulas seriam nas cores heráldicas do Exército (azul para o COS “B” e vermelho para o COS “C”). Além disso, surgiram também três “bolachas” (com uma cara da onça ao centro), que representavam cada fase do curso, sendo coladas nas flâmulas dos turnos pelo Cmt CIGS, por meio de fecho de contato, em cerimônia realizada no Pátio Pioneiros do CIGS ao término de cada fase. Foram criadas em 2004, mas só se efetivaram em 2005, por iniciativa do Cel SOUZA ABREU (SAB), 18º Cmt do Centro.

Na verdade, a inspiração da criação da flâmula veio do 1º BIS (Amv), “O Melhor do Mundo”, quando, durante o comando do então Cel VILLAS BÔAS (1998 e 1999), foi instituído o hasteamento de uma bandeirola por cada integrante da Unidade que era matriculado no COS. A flâmula só era arriada quando o militar retornava para o Batalhão (brevetado ou desligado). Lembro que isso chamou a atenção da equipe de instrução, à época.



Figura 92: Flâmula do COS Catg "A"



Figura 93: Flâmula do COS Catg "B"



Figura 94: Flâmula do COS Catg "C"



Figura 95: Flâmula do CIOS

ARTIGO XII

A LADEIRA DA GALINHA

3.12.1 RELATO HISTÓRICO

A Ladeira da Galinha
Cel R/1 Novaes
Boletim Interno do CIGS, 2023

Ainda na década de 1960, eu estava em um caminhão levando gêneros para a Base 2, quando, de repente, uma galinha viva que estava na carroceria se soltou e pulou na estrada. Era uma ladeira bastante enlameada, daí ela não conseguiu ficar em pé, ela descia escorregando na estrada e freava com os pés. Quando a gente viu, ela já estava lá embaixo, aí colocamos o apelido de ladeira da galinha.

Eu costumava ir à Base 2 com o TEIXEIRA no Jeep preto, que chamávamos de "burro preto" e quando chegávamos nessa ladeira, eu ficava com uma corrente ou uma corda amarrada no para-choque do Jeep, passava em uma árvore e ia dando corda para ele descer e não cair na ribanceira. Eu soltava a corda e ele ia dirigindo, o TEIXEIRA dirigindo até lá embaixo, depois eu ia escorregando quase que de *skate*, aliás se tivesse *skate* mesmo seria até melhor.

Hoje, os instrutores e monitores do CIGS conhecem o local como “soca da galinha”.



Figura 96: Vista N-S do “Soca da galinha” em 2023



Figuras 97: Vista S-N do “Soca da galinha” em 2023

ARTIGO XIII

POEMA “QUE NÃO OUSEM”

Que não ousem...

Que não ousem ameaçar a nossa Amazônia!

Na imensidão da floresta brasileira haverá sempre bravos guerreiros da selva, em cada foz, em cada nascente, preservando o legado dos nossos antepassados. Trovões ouvidos de terras distantes jamais intimidarão os seus guardiães.

Que não ousem! Em todos os rincões da Hileia – de Uiramutã a Santa Rosa do Purus, de Cruzeiro do Sul a Oiapoque, de Tabatinga a Marabá – estão presentes intrépidos, persistentes e audaciosos amazônidas. Em sua simplicidade, prescindem da sofisticada tecnologia. São capazes de sobreviver e combater, valendo-se essencialmente da selva, a sua fiel e inseparável aliada. Conhecem como ninguém a arte da guerra na selva.

Integram frações coesas que deslizam silentes, mimetizadas nos labirintos da mata misteriosa. São fugazes e atuam de surpresa, sem frente nem retaguarda, emboscando e inquietando. São como o aru, que surge e dissipa-se imperceptível, fluuando pelos igarapés, socavões e paxiúbas. São como a onça, que cerca pacientemente a presa para atacar no momento oportuno, fazendo ecoar um esturro ubíquo e aterrador.

Se preciso for, esses guerreiros da selva resistirão perseverantes até que a última arma de ficção alienígena torne-se inútil. Em suas veias corre o sangue daqueles que expulsaram o invasor do nosso solo sagrado e imortalizaram Guararapes.

Que não ousem!

A aventura pode custar caro demais.

Selva!

(TC Souza Abreu, 2003)

aru – neblina, “barba de bode”

socavões – irregularidades do solo na floresta

paxiúba – espécie de palmeira

esturro – urro característico da onça

ARTIGO XIV

POEMA “NÓS SOMOS A AMAZÔNIA”

Nós somos a Amazônia!

Exuberante! Misteriosa! Assustadora! Inconquistável! És, e sempre será, a morada dos fortes: caciques, tuxauas, caboclos, soldados e todos que te carregam na alma e que te eternizam no vibrante Brado de Selva.

És exuberante! Em ti, a vida se multiplica em encantamentos: as tuas abundantes águas, no seu encontro perfeito, misturam-se para nos dar o sabor do jaraqui, do tambaqui, da matrinchã e do pirarucú, bem como o maravilhoso navegar das tuas torrentes. Tens a acuariquara; a maçaranduba; o açacú; a sapopemba; o breu, teu combustível; a sorva, o teu leite; a saracura, tua cerveja e o afrodisíaco xexuá. Os teus sabores, cheiros e cores são emoldurados pela sinfonia dos teus seres, constituindo-se na mais complexa e bela composição do Criador.

És misteriosa! Nas tuas praias surge nas noites de luar, o boto que encanta as mocinhas que já foram "cantadas". Cuidado! Tem mapinguari, a preguiça gigante. Tem alguém perdido? Foi o Curupira.

És assustadora! Diante de tua grandeza, o medo e o pavor fazem até os mais valentes tremerem. Perigo! Ela, a Onça Pintada, o felino solitário da selva, é sorrateira e ardilosa.

Muito respeito e reverência! Pois, está presente por toda parte, até no facão e no chapéu dos bravos Guerreiros de Selva, que a carregam como troféu. No rio, a sucuri, cobra grande; o jacaré-açu; o candirú, a piranha e o poraquê. Para inquietar, ainda mais, a tuncandeira, a jiquitaia e a tachi, o carapanã e o espinho do marajá, a se multiplicarem nas trilhas, igapós e socavões.

És inconquistável Amazônia! Pois, nem nós, teus filhos guerreiros te conquistamos, mas nos misturamos para te defender e preservar. É nesta simbiose, que nos transformamos em curupiras, para deixar o estranho perdido; em onças, jacarés, candirus, poraquês, tucandeiras e carapanãs, mistificando as tuas águas e o teu solo. Duros como a acuariquara e agudos como o espinho, multiplicaremos-nos em milhões de guerreiros, oferecendo ao estranho uma selva de dor. Nós somos a Amazônia!

(Ten George GS 1853)

ARTIGO XV

SÍMBOLOS INTERNACIONAIS

3.15.1 RELATO HISTÓRICO

Ao longo de sua existência, o CIGS tem construído uma imagem de destaque, tanto no BRASIL quanto no exterior. Não é à toa, portanto, que, todos esses anos, inúmeros oficiais e sargentos das Forças Armadas de nações amigas têm seguido direção a MANAUS para realizar os Cursos de Operações na Selva. Atualmente, os militares de nações amigas são destinados para o Curso Internacional de Operações na Selva (CIOS), ministrado no idioma inglês, que os prepara para planejamento, coordenação e execução de operações em ambiente de selva equatorial. Muito semelhante ao COS, mas com duração menor, o CIOS abrange em seu currículo disciplinas como Vida na Selva, Instruções Básica e Especial, Marchas, Treinamento Físico Militar, Patrulhas, e Operações, sendo que sua subdivisão por fases é igual a dos COS. Entretanto, ocorre a supressão de algumas matérias que só podem ser ministradas a militares brasileiros.

Por outro lado, o CIGS, em função da reciprocidade, também envia integrantes para cursos em escolas do mesmo escopo em países amigos. Até 1997, ainda era frequentado o “*Jungle Operations Training Center*”, no Panamá, sob a responsabilidade do Exército dos Estados Unidos.



Figura 98 – Distintivo “*Jungle Expert*” – EUA

Com a devolução da área do Canal à administração panamenha (onde se situava a base do JOTC), em 31 de dezembro de 1999, outras opções foram procuradas para a continuidade da troca de conhecimentos.

Nos últimos anos, o intercâmbio de alunos tem abrangido outras nações amigas no âmbito da América do Sul, com destaque para o envio de militares do CIGS para frequentarem cursos de operações na selva em países como COLÔMBIA, EQUADOR, PERU, MÉXICO e FRANÇA (GUIANA FRANCESA).



Figura 99 – Distintivo “Curso de Comandos de Selva” – Colômbia



Figura 100 – Distintivo “Curso de Lancero Internacional” – Colômbia



Figura 101 – Distintivo do “Curso de Tigre” – Equador



Figura 102 – Distintivo do “Curso de IWIA - Internacional” – Ecuador



Figura 103 – Distintivo do “Curso Chef de Section Jungle” – Guiana Francesa



Figura 104 – Distintivo “Curso Regular de Operaciones en Selva” – Peru



Figura 105 – Distintivo “Curso de Francoatiradores” – Peru



Figura 106 – Distintivo do “Curso de Operaciones Ribereñas” – México

Além disso, a partir da década de 2010, o CIGS tem enviado oficiais instrutores de forma permanente para a Escola de Selva do Exército do PERU, para o Centro de Adestramento em Floresta Equatorial (CEFE) da FRANÇA na GUIANA FRANCESA e para a Escola de Lanceiros na COLÔMBIA, além de instrutores e monitores para a *Jungle Amphibious Training School* na REPÚBLICA COOPERATIVA DA GUIANA.



Figura 107 – Distintivo do Curso “Jungle Amphibious Training School” – Guiana

Destaca-se, também, o envio de equipes móveis de treinamento composta por instrutores e monitores do CIGS para a REPÚBLICA DO MALAWI, REPÚBLICA DO SENEGAL e para a REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, a fim de ensinarem Táticas, Técnicas e Procedimentos (TTP) para as Operações na Selva naqueles países.

Ainda nesse contexto, desde 2019 o CIGS tem contribuído com a Missão das Nações Unidas para a Estabilização na República Democrática do Congo (MONUSCO). Nesse país, o BRASIL exerce o comando da Missão de Paz, por meio de um General, como *Force Commander*, e uma Equipe Móvel de Treinamento (EMT) constituída, exclusivamente, por guerreiros de selva, dentre eles instrutores e monitores do CIGS. Essa equipe tem a missão de preparar diversos Exércitos do continente africano para o combate contra rebeldes nas florestas tropicais congolenses.

Por intermédio desses novos relacionamentos, o CIGS, assim como outrora aconteceu em relação ao JOTC, se esforça para buscar o estreitamento dos laços entre as nações amigas na área de cooperação militar, difundindo a excelência do padrão do guerreiro de selva brasileiro.

ARTIGO XVI

LEMAS E CITAÇÕES SELVÁTICAS

3.16.1 O BRADO DE “SELVA!”

Gen Bda R/1 Bueno

Boletim Interno do CIGS, 2006(b)

“Quando do início de suas atividades, as idas à área de selva eram muito frequentes. O movimento de viaturas era grande e a nova unidade ainda não dispunha de “Ficha de Saída de Viaturas” para serem controladas no Portão do Corpo da Guarda. Normalmente, a sentinela ao ver a saída de uma viatura perguntava qual o seu destino e o motorista ou quem ia à boleia respondia “**SELVA**”.

Como a maioria das saídas era para a área de instrução, o motorista ao passar pelo portão dizia que ia para a selva. Daí nasceu uma tradição, de maneira simples e espontânea, e que se espalhou inicialmente pelo GEF, depois pelo CMA e hoje, caracteriza no Exército inteiro, os Guerreiros de Selva.

Até agosto de 1968, a saudação “SELVA” era restrita ao CIGS e de caráter interno. Porém, no desfile do dia Sete de Setembro desse ano, o grito foi utilizado pela primeira vez em público e em formatura oficial. Os instrutores para manter a cadência da tropa contavam o tradicional “um-dois-três” e depois gritavam “SELVA!”. A partir daí espalhou-se para o GEF e pelo CMA, caracterizando, os Guerreiros de Selva, a tropa da AMAZÔNIA.

A sua implantação não foi fácil. Houve muita reação, principalmente dos mais antigos do GEF, que reagiam às ideias novas, mas o CIGS tinha a sua destinação histórica de renovar os “corações e mentes” da tropa da AMAZÔNIA, e obteve

sucesso. Esse simples brado mudou a fisionomia militar dos que serviam na AMAZÔNIA, despertando o espírito de operacionalidade que estava adormecido pelos chavões “área castigo”, “ninguém quer nada”, “só tem gente problema” e outros.

3.16.2 LEI ORDINÁRIA Nº 6.237, de 1º de junho de 2023

No dia 8 de fevereiro de 2023, foi apresentado pelo Deputado Estadual DAN CÂMARA (Guerreiro de Selva 1918) o Projeto de Lei Ordinária nº 87, que buscava reconhecer que o gesto de continência e o brado "Selva" deveriam ser considerados como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado do Amazonas. Esse projeto foi votado e aprovado na Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas (ALEAM) em 24 de maio de 2023 e seguiu para publicação no Diário Oficial do Estado, o que ocorreu em 1º de junho de 2023, Dia do Guerreiro de Selva, quando a lei já entrou em vigor, conforme o que se segue:

LEI Nº 6.237, DE 1º DE JUNHO DE 2023.

RECONHECE o gesto de continência e o brado “Selva”, como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado do Amazonas.

A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO AMAZONAS DECRETA:

Art. 1º O gesto de continência fica reconhecido como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado do Amazonas.

Parágrafo único. Para efeitos desta Lei, considera-se continência a saudação militar, sinal de respeito dado pelo militar individualmente a seus camaradas, superiores, iguais ou subordinados, às autoridades, à bandeira ou ao hino nacional, ou à tropa.

Art. 2º O brado “Selva” fica reconhecido como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado do Amazonas.

Art. 3º Para fins do exposto nesta Lei, o Poder Executivo do Estado do Amazonas procederá aos registros necessários nos livros do órgão competente, nos termos da legislação pertinente.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

3.16.3 QUEM SÃO ELES? A ORIGEM

Maj Prazeres
Boletim Interno do CIGS, 2023

Estava andando apressado pelo pátio do meu glorioso Batalhão de Infantaria de Selva, quando fui surpreendido pelo estafeta do Comandante do Batalhão me chamando: “Tenente” (ele não tinha noção como isso me fazia bem, me chamar de

Tenente, sendo um Aspirante, era uma alegria imensa para mim), “Tenente, o Coronel Comandante quer falar com o Senhor”. Como um raio me dirigi ao PC do Comandante, pois aquele tipo de convite era raro, ainda mais para um Aspirante a Oficial. Ao solicitar permissão, adentrar e me apresentar percebi que o Comandante do Batalhão não estava sozinho, se encontrava no pomposo PC também meu Comandante de Companhia e o S-3. Na mesa do PC uma carta aberta e o Comandante com a mão no queixo observando. Ele atentamente olhando o mosaico me falou: “Aspirante, tenho uma missão para você. Vai com sua fração realizar um Reconhecimento de Fronteira (Rec Fron) entre esses dois marcos”. Aquilo já me encheu de ânimo, pois receber a missão diretamente do Comandante do Batalhão já era algo que não podia imaginar em meus bancos escolares. Assim ele continuou: “Esta missão não é uma missão de reconhecimento comum, você vai ser acompanhado de uma patrulha de um Exército Amigo, serão 19 estrangeiros todos ao seu comando, Aspirante. Eles desejam observar como os Guerreiros de Selva operam na Amazônia. E apesar de eles estarem enviando dois capitães e mais um TENENTE, você é o comandante da patrulha!!!”, disse ele abrindo mais os olhos e apontando o dedo indicador em minha direção. Aquilo para mim soou como se estivesse no Curso de Operações na Selva Categoria Bravo (concluído há poucas semanas!!!!), quando o instrutor olhava para o aluno e falava: “O Comandante será?!!!”. Enchi o peito de vibração e mal pude conter minha alegria por ter sido escolhido para a nobre missão.

Procurei sanar todas as dúvidas, é claro que estava com todo o meu material de anotação no bolso (algo natural para um Guerreiro de Selva que espera a cada ponto uma nova missão) e pude escrever todas as observações que me foram passadas tanto pelo Comandante do Batalhão, S-3 e Comandante da Companhia. Daquele momento em diante somente respirava os ares da missão. Faltavam ainda dez dias e todo o aprestamento ocorreu de forma absolutamente clássica. Lógico, tudo isso facilitado porque meu Adjunto de Pelotão, subcomandante da patrulha também era um GUERRA NA SELVA.

O dia se aproximava. Na noite anterior da partida mal podia dormir de ansiedade, felicidade, pois estava indo pôr em prática tudo o que me tinham ensinado no melhor Curso de Operações na Selva do Mundo.

Chegada a grande hora, embarcamos em duas aeronaves Pantera e fomos até o Marco Trigonométrico fronteiro de partida. Chegando lá, a patrulha estrangeira já se encontrava e fiz uma breve explanação para todos os presentes sobre como iríamos cumprir a missão (claro que em um caixão de areia padrão de um GUERRA NA SELVA). Cabe ressaltar que meu Comandante do Batalhão, um audaz Guerreiro de Selva, se encontrava nesta posição e ao seu lado estava um General do Exército estrangeiro.

Após a explanação recebi o boa sorte de meu Comandante, do Comandante Aliado e a patrulha seguiu para o Reconhecimento de Fronteira. A previsão era de seis dias de perna. A patrulha era constituída de doze militares do Exército Brasileiro e dezenove da Nação Amiga. Desses dezenove tínhamos dois capitães, um tenente, três sargentos (sendo um intérprete, pois eles não falavam absolutamente nada da língua portuguesa) e o restante eram cabos e soldados. Como um bom GUERRA NA SELVA fui à frente com a minha carta topográfica aberta e emitindo os azimutes ao meu Homem Bússola.

De início duas coisas me intrigaram. A primeira foi que a carta do oficial estrangeiro estava branca, parecia um combate na neve sem referências, aquilo contrastava com a carta do Guerreiro de Selva, totalmente preparada, com o QAN

incrustado, declinações e observações todas atualizadas. Vi aquilo com grande surpresa e uma pontinha de felicidade. A segunda coisa foi que o homem bússola da minha patrulha não utilizava a bússola. Isto sim foi me deixando muito preocupado, pois nos ensaios, nas diversas pernaças que fizemos ele não tinha se comportado daquela maneira. Mas, na missão, como não saíamos da rota e o deslocamento estava exatamente dentro do azimute previsto (estava checando sempre), tentei me manter tranquilo. Ao final da tarde, no Final do Crepúsculo Vespertino Civil (FCVC) fizemos duas Bases de Patrulha, estávamos na faixa de fronteira, logo cada fração montou a sua em seu território e convidamos os companheiros do Exército Amigo para um jantar conjunto. Nessa ocasião questionei meu Homem Bússola sobre a não utilização da bússola durante o deslocamento. Ele me olhou, com aquele olhar simples do Soldado da Amazônia, mas totalmente “*senhor da situação*” e disse: “Tenente, eu não preciso de bússola. Eu me oriento pelo sol. Eu coloco o sol emparelhado no meu ombro e sigo exatamente o azimute que o senhor me disser. Quando o sol tomba apenas faço alguns ajustes. Cabe ressaltar que o sol tomar significa meio-dia. É bem verdade que já desconfiava daquilo, mas ao falar isso na frente dos estrangeiros, ele sem qualquer intenção causou um grande frenesi. Pois, quando o intérprete da patrulha amiga traduziu tudo (eles não entendiam nada de português), pude observar os gestos de admiração pela destreza do Combatente de Selva. Era só o primeiro dia e eles já estavam rendidos à perfeita sinergia do Guerreiro de Selva com seu habitat natural: a Selva!

Àquela época, a Amazônia estava atravessando uma fase de seca quase que total. Durante toda a missão e até mesmo nos dias que a antecederam não vimos chuva e isso refletia bruscamente no desempenho da patrulha, bem, da patrulha estrangeira, porque no nosso caso estávamos muito bem. Normal. Os combatentes de selva aos olhos atentos dos companheiros de nação amiga deram um verdadeiro “show”. Sede não passamos porque os cipós d’água nos abasteciam de forma plena. O meu Batalhão de Infantaria de Selva tinha como costume enviar as frações com parte da ração prevista para as missões, nunca a ração completa para todos os dias da missão. Isso era motivado pelo fato do tempo da missão, pois levar ração para quase dez dias era algo que poderia dificultar nosso deslocamento. Assim, éramos em algumas noites obrigados a obter nosso alimento. Aí foi covardia com os companheiros de Nação Amiga. Conseguimos um cardápio variado de frutos que era digno de qualquer hortifrúti da mais rica cidade brasileira. A caça foi vasta, mas sempre respeitando nossas necessidades e as da selva também, claro!!!! Em contrapartida, nossos companheiros estrangeiros estavam definhando. Primeiro porque não queriam consumir a água obtida nos cipós e que quando encontrávamos um igarapé, ainda que com um filete d’água, eles também pouco consumiam, o asco deles sobrepujava a sede. Segundo porque seus organismos não estavam adaptados aos frutos e às caças, lhes causando certo mal-estar toda aquela farta alimentação. Uma pena, pois os caititus e mutuns estavam muito saborosos.

À proporção que nós estávamos chegando do nosso objetivo, a patrulha dos GUERRA NA SELVA cada vez mais nutrida, entusiasmada, forte e absoluta em um ambiente em que se sentia literalmente em casa. Porém não podíamos dizer o mesmo de nossos ilustres convidados, que segundo seu próprio comandante, que me confessou, estava abatida e sedenta pelo retorno.

A missão prosseguiu. Os nossos companheiros de Nação Amiga eram “chivuncados” e bem voluntariosos, mas a falta de intimidade com aquele ambiente operacional era muito nítida. Me impressionava também que eles pouco se comunicavam, quer seja por gestos ou sinais ou até mesmo verbalmente.

Chegamos ao Marco Trigonométrico de destino. O alcançamos por volta das 1500h do dia determinado, graças aos deslocamentos orientados e sem altos horários dos GUERRA NA SELVA. Meu adjunto, o sargento GUERRA NA SELVA juntamente com o radioperador realizaram o contato com a companhia para informar do sucesso no cumprimento da missão. Alcançamos o Marco e estávamos todos bem, todos os brasileiros muito bem. Aproveitei e relatei ao escalão superior, a situação de dificuldades que se encontrava a Patrulha Amiga. Meu comandante de companhia não era um Guerra na Selva, mas tinha o espírito amazônico entranhando em suas atitudes. Faço uma pausa para rogar a Deus que ele se apresente o mais rápido possível no CIGS para se purificar no Quadrado Maldito e tornar-se um dos nossos, pois seu tempo está se esgotando...só lhe resta o COS Alfa. Enfim, ele pediu para que aguardasse e que entraria em contato com o Comandante do Batalhão. Aguardei cerca de vinte minutos e tornei a ligar a Rádio Yaesu, pois com a bateria de carro que levamos no lombo por toda a missão não poderia me dar ao luxo de esperar todo este tempo com o equipamento ligado. Bem, liguei de novo a rádio e fui informado que no dia seguinte às 1400 horas eu receberia em minha posição um lançamento de dois fardos, ressuprimento que seriam fornecidos através de uma aeronave da Força Aérea Brasileira. Aquilo me deixou muito feliz, não só pelo fato de recebermos mais víveres, mas também por estarmos demonstrando a um Exército Amigo a nossa capacidade operacional na Amazônia. Reuni as duas patrulhas e informei sobre o ressuprimento e pude ver nos olhos dos amigos estrangeiros uma felicidade quase que pueril.

A noite que precedeu o ressuprimento transcorreu de forma tranquila.

O dia amanhece, as horas passam...

Depois da preparação da clareira para o ressuprimento, faltavam agora cerca de 10 minutos, para o horário previsto do lançamento. Reuni meu adjunto e fomos ao centro da clareira para conversar sobre o relatório da missão, papo de GUERRA NA SELVA. Inesperadamente, como que em um susto senti algo trepidar. Mas trepidava mesmo!!!! Inicialmente não consegui identificar o que era. Trepidou mais uma vez e agora era mais forte, então percebi o que estava tremendo: a onça do meu gorro. Olhei para meu Adjunto e quando eu ia falar o que estava ocorrendo, ele me olhou como se já soubesse minhas palavras e disse: “Tenente o Senhor percebeu? A minha onça está tremendo também, algo está para acontecer”. Ao concluir a frase ouvimos o barulho da aeronave se aproximando. Daí rimos e falamos: “Os Guerra são foda! Conhecem as tempestades e preveem os chavascas”.

As duas patrulhas se reuniram ao redor da clareira e observaram atentamente quando o piloto da aeronave C-95 Bandeirante fez uma passagem sobre a mesma para um reconhecimento. Depois passou mais uma vez e lançou o primeiro fardo, a precisão foi muito boa, o fardo caiu na porção Oeste da clareira, no limite com a selva. Mas, o segundo lançamento foi *n. a.* (no alvo). Aquilo tudo impressionou mais uma vez a Patrulha Estrangeira. Eles já não disfarçavam mais a admiração pela Patrulha dos GUERRA NA SELVA!

Os fardos lançados eram dois volumes de 50 litros de água cada um. Recolhemos os fardos e em frente nossos orgulhosos militares e olhares ávidos dos de nação amiga, disse ao capitão comandante da patrulha estrangeira que um dos fardos era dele e outro seria nosso, da patrulha dos GUERRA NA SELVA. Quando falei isso algo nem tão surpreendente aconteceu, ele me abraçou como se abraça um irmão em agradecimento e com os olhos cheios de água deu ordem para dois de seus soldados recolherem aquele fardo e levarem para sua base de patrulha.

Os soldados vieram correndo se aproximaram, se entreolharam e apesar de estarem praticamente toda a missão calados, resolveram soltar a voz e deu para ouvir bem, mas muito claramente, o que eles falaram ao apanhar aquele fardo se acotovelando: “*Who are they?, Who are they?* (Quem são eles? *Tradução literal em idioma inglês*).

Neste momento, eu e o sargento nos entreolhamos, demos uma boa risada e iniciamos a preparação para nosso retorno que seria no dia seguinte.

3.16.4 LEMAS SELVÁTICOS

TUDO PELA AMAZÔNIA. Coronel Jorge Teixeira – 1º Comandante do CIGS.

A SELVA NOS UNE. Coronel Lampert – 11º Comandante do CIGS.

ÁRDUA É A MISSÃO DE DESENVOLVER E DEFENDER A AMAZÔNIA. MUITO MAIS DIFÍCIL, PORÉM, FOI A DE NOSSOS ANTEPASSADOS, EM CONQUISTÁ-LA E MANTÊ-LA. General de Exército Rodrigo Octávio – Cmt Mil Amz de 26 jul 1968 a 1º jul 1969.

AQUI O PÔR DO SOL MARCA APENAS A METADE DE UMA JORNADA DE TRABALHO. Autoria de um aluno do COS, década de 1980.

QUE NÃO OUSEM AMEAÇAR A NOSSA AMAZÔNIA! A AVENTURA PODE CUSTAR CARO DEMAIS. TC Souza Abreu (2003) – 18º Comandante do CIGS.

ANTES QUE A LUZ SE APAGUE, ANTES QUE O SOL SE PONHA, HAVERÁ ALGUÉM DE ESTAR, HAVERÁ ALGUÉM DE FICAR, PARA QUE OUTROS VENHAM, PARA QUE OUTROS FIQUEM. Autoria desconhecida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Exército Brasileiro. **Regulamento de Uniformes do Exército**. 2023.

CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO. Aspectos do Centro de Instrução de Guerra na Selva. **Revista Verde-Oliva**, Brasília, DF, ano 42, n. 225, p. 14, out. 2014.

CIGS. Centro de Instrução de Guerra na Selva. **Almanaque do CIGS**. Manaus, 2023.

_____. **Boletim Especial nº 01**. Manaus, 1989.

_____. **Boletim Interno nº 219**. Manaus, 2006.

_____. **Boletim Interno nº 232**. Manaus, 2006.

_____. **Boletim Interno nº 235**. Manaus, 2006.

_____. **Boletim Interno nº 192**. Manaus, 2023.

_____. **Compêndio do Facão do Guerreiro de Selva**. Manaus, 2023.

CRUZ, A. B. da. **O covil das onças**. 2012.

CONSTELLATION da Panair. **O CRUZEIRO**, Manaus, jan. 1963.

TECNOLOGIA E DEFESA. Suplemento Especial, vol.11. São Paulo, 2004.